

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DA
COMUNICAÇÃO HUMANA**

**AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM DE SUJEITOS COM
HISTÓRICO DE DESVIO FONOLÓGICO APÓS
TERAPIA FONOLÓGICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Maria das Graças de Campos Melo Filha
Santa Maria
2008**

**AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM DE SUJEITOS COM
HISTÓRICO DE DESVIO FONOLÓGICO APÓS DE TERAPIA
FONOLÓGICA**

por

Maria das Graças de Campos Melo Filha

Dissertação (Modelo Alternativo) apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Área de Concentração em Audição e Linguagem, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana**

Orientador: Prof^a. Dr^a. Helena Bolli Mota

Santa Maria, RS, Brasil
2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM DE SUJEITOS COM HISTÓRICO DE
DESVIO FONOLÓGICO APÓS TERAPIA FONOLÓGICA**

elaborada por
Maria das Graças de Campos Melo Filha

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana

COMISSÃO EXAMINADORA:

Helena Bolli Mota, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Márcia Keske-Soares, Dr. (UFSM)

Ana Luiza Gomes Pinto Navas, Dr. (FCMSCSP)

Santa Maria, junho de 2008.

Ao meu esposo Mauro e aos meus familiares, sempre presentes nos momentos importantes de minha vida, pelo amor e apoio constantes, durante esta caminhada de crescimento pessoal.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a Helena Bolli Mota, pelo incentivo e dedicação durante a orientação deste trabalho.

À professora Dr^a Márcia Keske-Soares pelo seu trabalho em favor da Fonoaudiologia.

Às pessoas que participaram deste estudo.

A DEUS, por me proporcionar oportunidades de crescimento nesta vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
2.1. Desvios Fonológicos.....	10
2.2. Consciência Fonológica e Linguagem Escrita.....	14
2.3. Referências Bibliográficas.....	58
3 DESEMPENHO NAS HABILIDADES EM CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DE SUJEITOS COM DESVIO FONOLÓGICO APÓS REALIZAÇÃO DE TERAPIA FONOLÓGICA.....	23
Resumo.....	23
Abstract.....	24
Introdução.....	25
Metodologia.....	27
Resultados.....	30
Discussão.....	32
Conclusões.....	35
Referências Bibliográficas.....	36

4 DESEMPENHO EM HABILIDADES DE LINGUAGEM DE CRIANÇAS COM DESVIO

FONOLÓGICO APÓS TERAPIA FONOLÓGICA.....39

Resumo..... 39

Abstract.....40

Introdução.....41

Metodologia.....42

Resultados.....45

Discussão.....49

Conclusões.....54

Referências Bibliográficas.....55

ANEXOS.....64

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da fala pela criança ocorre simultaneamente ao seu desenvolvimento e envolve o aprendizado dos sons da língua. Em torno dos cinco anos de idade, crianças que apresentam desenvolvimento normal da fala, são compreendidas durante uma conversação, pois possuem o sistema fonológico completo, de acordo com o padrão da sua comunidade lingüística. Já, crianças com desvio fonológico, demonstram dificuldades para adquirir o sistema de sons, o que, muitas vezes dificulta a sua comunicação.

Os desvios fonológicos são alterações no desenvolvimento fonológico de crianças, sem que estas apresentem qualquer etiologia orgânica (YAVAS, 1990). Estas alterações podem trazer conseqüências negativas para a aprendizagem, além de ser consideradas como fatores de risco para dificuldades no desenvolvimento das capacidades lingüísticas.

De acordo com a literatura existe uma interação entre a aquisição da linguagem oral e a aquisição da linguagem escrita, pois ambas se complementam, caracterizando um continuum do desenvolvimento (SANTOS e NAVAS, 2002; FRANÇA, 2003; BUENO, 2003).

Muitas pesquisas são realizadas a respeito da severidade dos desvios fonológicos; da relação entre a consciência fonológica e os desvios fonológicos; e dos modelos de terapia. O presente trabalho trata-se de um estudo longitudinal, no qual foi realizada uma avaliação da linguagem de sujeitos que foram submetidos à terapia fonológica, em idade pré-escolar, e que atualmente são adolescentes ou pré-adolescentes.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo comparar o desempenho de sujeitos com histórico de desvio fonológico, nas habilidades de consciência fonológica e linguagem, com sujeitos sem histórico de alterações.

No primeiro capítulo deste estudo, será apresentada a revisão de literatura, em ordem cronológica, sobre desvio fonológico, linguagem escrita e consciência fonológica.

O segundo capítulo consta de um artigo de pesquisa com o objetivo de verificar as diferenças do desempenho nas habilidades de consciência fonológica de um grupo

de estudo, com histórico de desvio fonológico, após ter realizado terapia fonológica e um grupo controle.

O terceiro capítulo é constituído pelo artigo de pesquisa com objetivo de verificar as diferenças no desempenho em atividades envolvendo a linguagem entre dois grupos, um grupo de estudo com histórico de desvio fonológico (após ter realizado terapia fonológica) e um controle.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Será apresentada, a seguir, uma breve revisão da literatura abordando os desvios fonológicos, consciência fonológica e linguagem escrita.

Desvios Fonológicos

Segundo Yavas (1990), existem crianças que apresentam desvios na produção de sons que são decorrentes de patologias orgânicas detectáveis, mas também existem aquelas que demonstram alterações no seu desenvolvimento fonológico sem apresentar causa aparente. Estes casos são classificados como desvios fonológicos, pois decorrem de problemas organizacionais envolvendo o sistema fonológico.

Ingram (1976), Stampe (1973) e Fey (1992) afirmam que ao tentar produzir palavras observando o modelo transmitido por adultos, as crianças fazem mudanças no alvo adulto através de regras fonológicas para que a produção das palavras se torne mais fácil de ser realizada, de acordo com a sua capacidade. Estas mudanças são chamadas de processos fonológicos que desaparecem ao longo do desenvolvimento normal da linguagem.

Para Grunwell (1981), as características clínicas de crianças que apresentam desvios fonológicos são:

- fala espontânea quase completamente ininteligível;
- idade acima de quatro anos, superior a idade na qual a fala é inteligível para pessoas estranhas ao ambiente social da criança;
- audição normal para a fala;
- ausência de anormalidades anatômicas ou fisiológicas nos mecanismos de produção da fala;
- inexistência de disfunção neurológica relevante à produção da fala;
- capacidades intelectuais adequadas para o desenvolvimento da linguagem falada;
- capacidade de compreensão da linguagem falada de acordo com a idade mental;
- capacidade de linguagem expressiva bem desenvolvida em termos de aquisição de vocabulário e comprimento de enunciados.

Grunwell (1986) diz que muitas crianças com desvios fonológicos produzem movimentos articulatórios adequados e, no entanto, freqüentemente utilizam os sons de maneira inadequada em contextos e posições na palavra. Logo, a perda de um contraste fonológico indica desvio fonológico, ao passo que produções de erros que ainda preservam contrastes são consideradas de natureza fonética.

De acordo com Grunwell (1990), o desvio fonológico é uma desorganização, inadaptação ou anormalidade no sistema de sons da criança quando comparado ao sistema de sons de sua comunidade lingüística, sem a presença de comprometimentos orgânicos que afetem a produção da fala.

Lowe (1996) conceitua erros fonéticos e fonológicos. Conforme o autor, erros fonéticos são denominados erros de articulação que resultam da produção de sons diferentes do padrão da língua, mas que ainda mantêm a contrastividade do sistema de sons, ao contrário dos erros fonológicos que resultam da neutralização de um ou mais contrastes de sons, podendo ocorrer, apesar da criança apresentar capacidade de produzir o som-alvo corretamente.

Conforme Lamprecht (1999, 2004), a fala com desvios representa um sistema fonológico consistente e organizado, mesmo que esta apresente diferenças do sistema padrão e dificuldades na inteligibilidade.

Wertzner e Oliveira (2002) realizaram um estudo com o objetivo de descrever o perfil de sujeitos com distúrbio fonológico. Conforme os resultados o distúrbio fonológico ocorreu em maior proporção em crianças do sexo masculino, com idade de 5 anos e com histórico de alterações respiratórias e/ou otites. Os processos fonológicos identificados como sendo os de maior ocorrência foram: simplificação de líquidas, simplificação de encontro consonantal e ensurdecimento de fricativas.

Chevrie-Muller (2005) salienta que o nível fonológico é o primeiro nível de organização da linguagem, nível dos sons ou fonemas em palavras. É o nível que corresponde à programação, escolha dos sons que entram na constituição das palavras e sua seqüência correta. Esta organização pode ser alterada durante o desenvolvimento normal da fala, mas se esta alteração persistir além do período normal de aquisição, fixado em torno dos cinco anos, deve ser considerada como patológica.

Vários aspectos podem ser considerados causa dos transtornos fonológicos como otites médias recorrentes, alterações nas habilidades de processamento fonológico, a consciência fonológica, a memória de trabalho, o processamento auditivo e, ainda, os fatores ambientais e genéticos que influenciam o desempenho da linguagem oral.

Sacalosi (2000) refere que uma das causas do distúrbio do aprendizado da leitura e da escrita são os distúrbios de fala, pois estes podem ser transpostos para a escrita. Conforme a autora, alterações de fala, já corrigidas, podem ser percebidas na escrita da criança devido à permanência da imagem auditiva, resultando numa associação fonema-grafema inadequada.

De acordo com Mota (2001), estudos de acompanhamento de crianças com desvios fonológicos mostraram que estas apresentaram melhoras significativas com a idade, entretanto, mesmo durante a adolescência e a idade adulta, esses indivíduos têm performances mais baixas do que grupos controle em várias tarefas de fala, leitura, soletragem e de consciência de fonemas.

Segundo Zorzi (2003) inicialmente a criança baseia-se num padrão acústico-articulatório para pensar sobre palavras ou para escrevê-las. Para ele, a escrita apoiada na oralidade confirma a influência que a linguagem oral exerce sobre a escrita, principalmente em suas etapas iniciais.

Zorzi (op cit.) ressaltou uma diferença fundamental entre a linguagem oral e a escrita. Para o autor, aprender a falar faz parte da herança biológica do ser humano, da hereditariedade. No entanto, o mesmo não ocorre no que diz respeito à linguagem escrita, pois esta é um produto da cultura, que se transmite através do ensino, isto é, geralmente por meio de uma intervenção social com esta finalidade.

Freitas e Santos (2003) estudaram a relação entre a fala e a escrita de crianças com desvios fonológicos evolutivos e observaram que estas crianças apresentam uma relativa previsibilidade quanto à repercussão dos desvios fonológicos na escrita.

Para Moreira (2003), a linguagem oral e a escrita se desenvolvem mutuamente, pois aspectos da oralidade se refletem na escrita e características da escrita também são refletidas na oralidade.

Segundo Zorzi (2004), um dos papéis fundamentais da linguagem, em sua forma oral e escrita, é fazer a mediação entre o sujeito e o conhecimento, pois este é veiculado predominantemente através da linguagem oral e escrita.

Ainda, de acordo com Zorzi (*op.cit*), para que a criança deixe de utilizar o padrão de escrita, com forte influência fonética, e passe a utilizar o padrão determinado pela ortografia, é preciso que ela compreenda a diferença entre falar e escrever. É necessário que ela perceba que as palavras nem sempre são escritas da mesma maneira como são faladas.

Stackhouse e Wells (2004) afirmam que as dificuldades de fala persistentes podem proporcionar um meio de identificação de crianças com problemas específicos de leitura e fala. Crianças com dislexia podem apresentar problemas sutis de fala e de linguagem que; se não forem bem investigados podem não ser percebidos.

De acordo com França (2004), a aquisição fonológica é um fator preditivo para o desenvolvimento da escrita, a desorganização fonológica pode persistir como uma desorganização da linguagem escrita. A linguagem é uma só e sofre a ação de um *continuum*.

Wertzner e Papp (2006) verificaram que existem fatores que indicam que o histórico de alterações de fala e linguagem em familiares está associado ao transtorno fonológico. Para as autoras conhecer a história de transtorno de fala e linguagem na família permite saber se a criança poderá apresentar ou não transtorno fonológico e quais processos ela tende a usar.

Gillon (2005), Rvachew e Grawburg (2006), Rvachew et al (2007) referem que as alterações no sistema fonológico, de crianças em fase pré-escolar, podem influenciar a percepção da fala e, também, a organização e a compreensão das regras fonológicas.

Com base na literatura, conclui-se, que o desvio fonológico não pode ser tratado apenas como uma alteração da linguagem oral, mas sim como um fator de risco para possíveis alterações posteriores nas outras áreas da linguagem.

Consciência fonológica e linguagem escrita

Sthal e Murray (1994) definem consciência fonológica como a consciência dos sons manifestada pelas habilidades de rima, comparação de consoantes iniciais e contagem do número de fonemas, na fala. Eles consideram estas tarefas difíceis para algumas crianças, pois as palavras faladas não possuem segmentos identificáveis que correspondam aos fonemas. Em línguas alfabéticas, letras representam fonemas, e a partir desta constatação, referem que para aprender sobre a correspondência entre letras e fonemas, a criança deve ter consciência dos fonemas nas palavras faladas.

Catts (1989) realizou uma revisão bibliográfica sobre a relação entre a percepção fonológica e a habilidade de leitura e relatou que alguns aspectos da percepção fonológica parecem ser consequência do aprendizado da leitura, enquanto outros, se desenvolvem de maneira independente.

Haase (1990) estudou a consciência fonêmica em 86 crianças, com e sem dificuldades em leitura, com idades entre 6 a 9 anos que cursavam a primeira e segunda séries. Ele observou que o desempenho do grupo composto por crianças sem dificuldades de leitura, no teste de consciência fonêmica, foi significativamente superior ao do grupo que apresentava dificuldades em leitura. Segundo o autor, a consciência fonêmica pode estar implicada na dificuldade em leitura que as crianças apresentam, ao mesmo tempo que a proficiência em leitura determina um grau maior de consciência fonêmica.

Ogliari (1991) verificou a correlação entre as produções orais e escritas de crianças com desvios fonológicos e constatou que a fala pode ser responsável pelo uso de estratégias na escrita. Para a autora, a fala assessora o processo de aquisição e desenvolvimento da aprendizagem do código escrito.

Gerber (1993) relata que alguns estudiosos investigaram a relação entre déficits de linguagem iniciais e o desempenho posterior na leitura e escrita. Os pesquisadores verificaram que déficits ou atrasos em habilidades relacionadas à linguagem, durante o período da pré-escola, são fatores preditivos de dificuldades posteriores na leitura e na escrita. Há amplas evidências que atestam déficits fonológicos em indivíduos que apresentam distúrbios de aprendizagem. Para a autora os distúrbios de linguagem oral e escrita podem resultar de uma interação entre deficiências fonológicas e semânticas.

Tais déficits podem diferir em tipo e grau em diferentes idades e podem se apresentar como: atraso na aquisição do sistema fonológico, deficiência na habilidade de perceber ou produzir configurações fonêmicas complexas, uso ineficiente de códigos fonológicos e prejuízo de percepção metalingüística.

Para Goldsworthy (1996), as alterações na linguagem oral afetam o aprendizado da escrita e se refletem em todas as habilidades de linguagem escrita, de forma gradativa. Para este autor, é comum crianças que já realizaram terapia fonoaudiológica, devido a problemas de fala, em idade pré-escolar, serem reencaminhadas para terapia fonoaudiológica, durante as primeiras séries escolares, por apresentar dificuldades na linguagem escrita.

Sulzby (1996) afirma que as crianças adquirem a linguagem escrita paralelamente à linguagem oral; durante a infância e os anos escolares, elas estão interligadas, trocando relações durante o processo de desenvolvimento da criança.

Segundo Rego e Buarque (1997), a literatura destaca a importância dos seguintes aspectos, dentre outros, no processo de aprendizagem da escrita: compreensão das diferenças entre a fala e a escrita (envolve o conhecimento fonológico) e a apropriação da ortografia (reflexão metalingüística).

Stackhouse (1997) explica que grupos de crianças com problemas no aprendizado da leitura apresentam uma característica em comum, o prejuízo na medida de capacidade da memória. Apresentam, também, desempenho prejudicado em testes envolvendo manipulação fonológica ou consciência fonológica.

Cupello (1998) salienta que a qualidade da linguagem oral diferencia a pessoa com sucesso escolar daquela com distúrbio de aprendizagem. Para este autor, é possível verificar um distúrbio de aprendizagem a partir da comprovação de um distúrbio de língua oral, após a transcodificação para a língua escrita.

Cielo (1998) estudou a relação entre a sensibilidade fonológica e a fase inicial da leitura em crianças durante o período de alfabetização. A amostra constituiu-se de 47 crianças, sendo que 24 constituíram o grupo controle e 23 o grupo experimental. A autora avaliou os níveis de sensibilidade fonológica e de recodificação, antes e após a aplicação de um programa de atividades específicas para sensibilização fonológica. A partir do resultado de sua pesquisa, concluiu que o nível de sensibilidade fonológica e

de recodificação, dos alfabetizados que constituíam o grupo experimental, aumentou com a realização de atividades de sensibilização fonológica.

Santos (1998) verificou a reincidência dos desvios fonológicos na escrita de crianças, com idade entre sete e dez anos, que já haviam superado as alterações na fala. Entre os processos reincidentes na escrita, observados pela autora, estão a redução de encontro consonantal, o apagamento de líquida final em FSDP (final de sílaba e dentro de palavra), o apagamento de fricativa final, o apagamento de transição nasal (brinca – [pika]) e metátese (joelho – [geolho]).

Bernhardt e Major (1998) investigaram a relação entre as habilidades fonológicas e metafonológicas de dezenove crianças, entre três e cinco anos, com desvio fonológico moderado e severo e os efeitos da intervenção nas habilidades de consciência fonológica. Aplicaram sete tarefas envolvendo a produção de aliterações, rimas e segmentação de sentenças, palavras dissílabas e monossílabas e mudança de nome de objetos. As habilidades metafonológicas foram testadas antes da intervenção, durante a intervenção e durante uma intervenção fonológica e metafonológica. A evolução das crianças nas atividades de segmentação, silábicas e de formação de palavras, antes da intervenção, indicou que as crianças que apresentavam inventário fonético maior, mais palavras e formação de sílabas, obtiveram um escore maior nas tarefas metafonológicas. As habilidades em consciência fonológica também foram relacionadas à produção morfossintática. As autoras concluíram que a intervenção metafonológica e fonológica podem resultar numa significativa melhora na performance metafonológica das crianças. As crianças com desvio fonológico moderado e uma boa habilidade de produção morfossintática, apresentaram melhora nas tarefas metafonológicas após, somente, a intervenção fonológica. Já, crianças com desordens fonológicas e morfossintáticas apresentaram melhora, em suas performances, após intervenção fonológica e metafonológica.

Menezes (1999) pesquisou a relação entre o nível de consciência fonológica de crianças com desvios fonológicos evolutivos em fase de letramento e a incidência ou não dos desvios na escrita. Foram coletados dados de fala e escrita de vinte crianças com idades entre oito e onze anos que freqüentavam a primeira e segunda série em escolas de ensino público. A autora concluiu que a consciência fonológica pode auxiliar

a aquisição da escrita por crianças com desvio fonológico evolutivo. O domínio do código escrito pode propiciar um aumento das capacidades metafonológicas e contribuir para a superação dos desvios fonológicos.

Salles (1999) estudou a consciência fonológica em cinquenta e três crianças de primeira e segunda série, com idade entre seis anos e um mês e oito anos e seis meses, com desenvolvimento normal. A autora concluiu que a consciência fonológica se desenvolve com o aumento da idade e é favorecida pelo tempo de escolaridade. As tarefas de realização mais fácil para as crianças foram as de consciência silábica e rima e as mais difíceis foram as de consciência fonêmica, dentre as quais, a de segmentação fonêmica foi a que as crianças apresentaram pior desempenho.

Vieira (2002) realizou um estudo sobre as habilidades de consciência fonológica em crianças com desvio fonológico evolutivo, comparando-as a um grupo-controle. As crianças sem desvio fonológico apresentaram melhor desempenho do que as com desvio.

Gonçalves (2002) realizou um estudo relacionando a memória de trabalho fonológica e o desenvolvimento da linguagem. Os resultados salientam que a memória fonológica interfere na aprendizagem de novas palavras, em construções gramaticais mais elaboradas, na compreensão da linguagem, e no aprendizado da leitura e da escrita.

Morales, Mota e Keske-Soares (2002) investigaram a relação entre os desvios fonológicos e o desenvolvimento das habilidades em consciência fonológica. Participaram do estudo trinta e seis crianças com idades entre quatro anos e sete meses e sete anos e seis meses. Estas crianças foram organizadas em dois grupos, um formado por crianças com desvio fonológico evolutivo e o outro constituído por crianças sem desvio fonológico. As autoras verificaram que o grupo formado por crianças com desvio fonológico obteve desempenho inferior ao grupo composto de crianças sem desvio fonológico na avaliação da consciência fonológica e concluíram que os desvios fonológicos estão relacionados às dificuldades em consciência fonológica.

Conforme Etchepareborda (2003), o desenvolvimento do conhecimento metafonológico é importante para formar bons leitores. Para o autor, é necessário que atividades envolvendo este conhecimento sejam praticadas na pré-escola, pois levam a

resultados positivos para todas as crianças, principalmente para àquelas com dificuldades para aprender a ler e escrever, e também às que apresentaram atraso na aquisição da linguagem.

Costa (2003) verificou a relação entre o desempenho em consciência fonológica e a escrita em crianças falantes do português brasileiro, acompanhadas longitudinalmente, na pré-escola e primeira série. A autora constatou que déficits na consciência fonológica influenciam, negativamente, o desenvolvimento da escrita.

Segundo Salgado e Capellini (2004), quando as crianças não superam os processos de simplificação da linguagem podem ocorrer alterações no processamento fonológico levando a problemas de aprendizagem. Para as autoras, a leitura e a escrita estão baseadas na estrutura fonológica da linguagem oral e envolvem a organização conceitual, a representação lexical e a memória de trabalho, responsável pelo acesso às representações gráficas dos sons da fala.

Para Ávila (2004), crianças que apresentam alterações na fala, ao chegarem na etapa de alfabetização, podem transferi-las para a escrita. Isto salienta a importância de um sistema fonêmico, já definido e estável, para seu aprendizado.

Segundo Santos e Navas (2004), a escrita tem como objetivo transmitir mensagens através de um sistema convencional, e não somente registrar a fala. Este sistema representa conteúdos lingüísticos e pressupõe uma análise da linguagem. A leitura e a escrita precisam ser ensinadas formalmente. Já, a linguagem oral é adquirida naturalmente e, para isso, a criança só precisa estar inserida em um ambiente estimulante, onde a linguagem seja utilizada.

Romero (2004) estudou o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica com o processo de alfabetização e relacionou o desempenho nestas habilidades com a leitura de palavras isoladas e compreensão leitora. Participaram do estudo trinta e uma crianças que foram avaliadas primeiramente na pré-escola e mais tarde, quando freqüentavam a segunda série. A autora separou as crianças em grupos de acordo com o seu desempenho nas tarefas silábicas e fonêmicas. Os grupos silábicos foram formados conforme seu desempenho em tarefas silábicas, de rima e aliteração; os grupos fonêmicos foram formados de acordo com o desempenho nas tarefas fonêmicas. A partir dos resultados do trabalho, a autora verificou que a

habilidade fonêmica foi a última a ser adquirida; as tarefas fonêmicas foram mais difíceis, mesmo após a alfabetização. A alfabetização mostrou-se positiva para dois dos três grupos silábicos e também para dois dos três grupos fonêmicos na aquisição das habilidades silábicas e fonêmicas. Houve inter-relação entre as habilidades de consciência fonológica e o aprendizado da leitura.

De acordo com o estudo realizado por Capovilla, Capovilla e Gütschow (2004) foram identificadas como boas preditoras da leitura e escrita, as habilidades de aritmética, memória fonológica, vocabulário, consciência fonológica e seqüenciamento.

Capovilla, Capovilla e Soares (2004) salientaram a importância das habilidades metalingüísticas como a consciência fonológica e a consciência sintática para a aquisição da leitura e da escrita.

Conforme Capovilla et al. (2004), na etapa inicial da alfabetização, a habilidade onde se encontram as maiores dificuldades de crianças más leitoras, é o processamento fonológico.

Santamaria, Leitão e Assencio-Ferreira (2004) verificaram que a consciência fonológica se desenvolve paralelamente ao letramento. Para eles, à medida que a alfabetização vai se concretizando, a consciência fonológica também se aprimora, auxiliando o aperfeiçoamento das funções cognitivas e o processo de construção do aprendizado.

Queiroga, Borba e Vogeley (2004) observaram a relação entre as habilidades metalingüísticas de consciência fonológica, consciência sintática, consciência da palavra e o desempenho ortográfico no estudo com crianças de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. A autora também observou que as habilidades e o desempenho ortográfico evoluíram com o avanço na escolarização.

De acordo com Guimarães (2005), o aprendizado da leitura e da escrita é influenciado pela consciência fonológica e também pela consciência morfossintática que possibilita o entendimento das palavras como categorias gramaticais e sua adequada utilização na construção das frases, aumentando a capacidade de identificação e produção da linguagem escrita.

Guimarães (op cit.) define consciência morfossintática como a consciência das palavras, suas categorias gramaticais, sua posição na frase, flexão e derivação.

Paula (2005) pesquisou a influência da terapia em consciência fonológica nas crianças em processo de alfabetização. A população estudada foi dividida em três grupos: experimental (crianças não alfabetizadas que realizaram a terapia em consciência fonológica), controle (crianças não alfabetizadas que não foram submetidas à terapia em consciência fonológica) e alfabético (crianças alfabetizadas). De acordo com o estudo, a terapia em consciência fonológica associada ao ensino explícito da relação grafema-fonema interferiu no aprendizado da leitura e da escrita da maioria das crianças do grupo experimental. Possibilitou, também, que estas crianças apresentassem evolução significativa nas tarefas envolvendo habilidades em consciência fonológica.

Vieira (2005) pesquisou o desempenho de crianças com desvio fonológico, não alfabetizadas, com idades entre quatro e seis anos, em tarefas que avaliavam as habilidades em memória de trabalho e em consciência fonológica. Investigou como estas habilidades estavam relacionadas entre si, com a idade cronológica e em relação à severidade do desvio fonológico. Na avaliação da consciência fonológica as crianças com desvio fonológico apresentaram desempenho inferior ao de crianças normais. A autora constatou que as habilidades em memória fonológica e em consciência fonológica apresentaram correlação significativa com o desvio fonológico. A autora também verificou que a severidade do desvio fonológico não influenciou de maneira significativa o desempenho na habilidade em memória de trabalho, mas esteve relacionada com o desempenho das crianças com desvio fonológico nas habilidades em consciência fonológica.

Silva (2005) estudou a relação entre as habilidades em consciência fonológica e o grau de severidade dos desvios fonológicos, considerando o Percentual de Consoantes Corretas (PCC), o Percentual de Consoantes Substituídas (PCS) e o percentual de Consoantes Omitidas (PCO). A autora não encontrou relação entre o desempenho de tarefas de consciência fonológica e a gravidade do desvio fonológico, considerando o PCC, PCS e PCO.

Cárnio e Santos (2005) estudaram a evolução da consciência fonológica em alunos do ensino fundamental e confirmaram a relação entre a aquisição da leitura e escrita e o desenvolvimento da consciência fonológica.

Souza (2005) avaliou a consciência fonológica de um grupo de escolares da primeira série do primeiro grau. Mesmo sendo alfabetizadas, as crianças apresentaram uma dificuldade maior na realização de tarefas envolvendo manipulação fonêmica. Para a autora, o resultado do estudo mostra a importância da realização de programas que estimulem as habilidades de consciência fonológica na pré-escola, fator importante para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Pestun (2005) também verificou a relação entre a consciência fonológica e o posterior desenvolvimento da leitura e escrita. A autora sugere o período da educação infantil como momento adequado para estimular as habilidades metafonológicas, pois elas favorecem a aquisição da leitura e da escrita.

Para Sutherland e Gillon (2005), crianças que apresentam desvio fonológico, poderão, futuramente, apresentar dificuldades no desenvolvimento da consciência fonológica e da aprendizagem.

Gindri, Keske-Soares e Mota (2007) verificaram a relação entre a memória de trabalho, a consciência fonológica e a hipótese de escrita em crianças da pré-escola e primeira série. Os resultados do estudo evidenciaram que existe relação entre as habilidades de memória de trabalho e consciência fonológica e que estas apresentam dependência com a idade cronológica e com a maturidade.

Mota, Melo Filha e Lasch (2007) pesquisaram a correlação entre as habilidades de consciência fonológica e escrita sob ditado de sujeitos que apresentaram histórico de desvio fonológico, após receberem tratamento fonoterápico. O grupo que participou da pesquisa foi constituído por nove sujeitos, sendo quatro meninos e cinco meninas, com idades entre dez a quatorze anos que cursavam entre a 4ª e 8ª séries do ensino fundamental, no ano de 2006. Estes participantes realizaram terapia fonológica no período de 1998 a 2002, e deixaram o serviço após receber alta. As autoras constataram que crianças com histórico de desvio fonológico poderão apresentar dificuldades relacionadas à escrita, e essa relação persiste, mesmo quando se trata de crianças que foram submetidas à fonoterapia.

Spíndola, Payão e Bandini (2007) estudaram a evolução do sistema fonológico de crianças com desvio fonológico com idade entre 5 e 8 anos. As autoras aplicaram um programa de atividades que estimulava as habilidades de consciência fonológica e

basearam-se na teoria da hierarquia de traços distintivos. O resultado do estudo evidenciou que houve melhora nas habilidades de consciência fonológica favorecendo o desenvolvimento do sistema fonológico. De acordo com as autoras, esta melhora possibilita maior atenção aos sons da fala e também a percepção da presença de traços comprometidos, na fala, pela própria criança.

3 HABILIDADES EM CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DE SUJEITOS APÓS REALIZAÇÃO DE TERAPIA FONOLÓGICA

Phonological awareness abilities of individuals after speech therapy

RESUMO

Objetivo: verificar o desempenho das habilidades em consciência fonológica de um grupo constituído por sujeitos com histórico de desvio fonológico, após sua superação, através de terapia fonológica. **Métodos:** participaram deste estudo dezoito sujeitos, sendo nove do grupo de estudo e nove do grupo controle. Os dois grupos foram avaliados quanto às habilidades em consciência fonológica através da aplicação do Instrumento de Avaliação Seqüencial CONFIAS. **Resultados:** Os grupos apresentaram diferenças estatisticamente significativas em seus desempenhos nas atividades silábicas de identificação e de rima, produção de rima, exclusão de sílabas, no total das atividades envolvendo sílabas e nas atividades fonêmicas de exclusão, segmentação e transposição de fonemas, no total das atividades fonêmicas e, também, no total das atividades de consciência fonológica. **Conclusão:** Mesmo após a intervenção fonológica o grupo de estudo apresentou desempenho inferior nas habilidades de consciência fonológica.

DESCRITORES: Deficiências fonológicas; Fonoterapia; Linguagem Infantil; Linguagem; Desenvolvimento da Linguagem.

ABSTRACT

Purpose: to verify if there are differences in performance on phonological awareness abilities between an experimental group with a history of speech disorders after speech therapy, and a control group. **Methods:** eighteen individuals, nine in the experimental group and nine in the control group, participated in the study and were evaluated for phonological awareness abilities using the Metalinguistic Sequential Evaluation Instrument CONFIAS. **Results:** there were statistical significant differences in their performances on rhyme syllable activities identification, rhyme production, syllable exclusion, on total activities involving syllable and in the exclusion of phoneme activities, phonemes segmentation, phonemes transposition, on total phonemes activities and also, on total syllables and phonemes activities. **Conclusions:** even after speech therapy the experimental group showed lower performance in phonological awareness abilities.

KEYWORDS: Articulation disorders, Speech Therapy; Child Language; Language; Language Development.

INTRODUÇÃO

O desvio fonológico é uma desorganização, inadaptação ou anormalidade no sistema de sons da criança quando comparado ao sistema de sons de sua comunidade lingüística, estando ausentes quaisquer comprometimentos orgânicos que afetem a produção da fala.¹ Existe um grande risco de crianças com distúrbio fonológico apresentarem problemas nas habilidades em consciência fonológica e, conseqüentemente, dificuldades na alfabetização.^{2, 3}

A consciência fonológica se refere à capacidade de análise das palavras faladas e das unidades sonoras que as formam⁴.

O desenvolvimento do conhecimento metafonológico é importante para formar bons leitores. É necessário que atividades que envolvam este conhecimento sejam praticadas na pré-escola, pois levam a resultados positivos para todas as crianças, principalmente àquelas com dificuldades para aprender a ler e escrever, e também para àquelas que apresentaram atraso na aquisição da linguagem⁵.

Crianças que demonstram problemas no aprendizado da leitura apresentam desempenho prejudicado em testes envolvendo manipulação fonológica ou consciência fonológica⁶.

A consciência fonológica se desenvolve de forma paralela ao letramento. À medida em que a alfabetização vai se concretizando, a consciência fonológica também se aprimora, auxiliando o aperfeiçoamento das funções cognitivas e o processo de construção do aprendizado⁷.

Estudo relacionado à consciência fonológica identificou as habilidades de aritmética, memória fonológica, vocabulário, consciência fonológica e seqüenciamento como boas preditoras da leitura e escrita⁸.

O presente trabalho tem como objetivo verificar o desempenho das habilidades em consciência fonológica de um grupo constituído por sujeitos com histórico de desvio fonológico, após sua superação, através de terapia fonológica.

MÉTODOS

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa realizado em uma Instituição de Ensino Superior, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número do processo: 23081.007151/2006-35.

O grupo que participou da pesquisa foi constituído por dezoito sujeitos, sendo oito do sexo masculino e dez do feminino, que cursavam entre a 4ª e 8ª séries do ensino fundamental de escolas públicas, com idades entre nove e quinze anos (grupo controle) e dez e quatorze anos (grupo de estudo), no ano de 2006.

Destes participantes, 9 constituíram o grupo de estudo, sendo 5 do sexo feminino e quatro do masculino, os quais realizaram fonoterapia na clínica-escola, no período de 1998 a 2002. Os sujeitos do grupo de estudo tinham entre 4 anos e 8 meses e 6 anos e 8 meses quando iniciaram a terapia fonoaudiológica. Um dos sujeitos apresentava desvio fonológico de grau moderado-severo; seis, desvio médio e dois, médio-moderado. Destes sujeitos, quatro foram tratados pelo Modelo de terapia fonológica de Ciclos Modificado, três pelo Modelo ABAB-Retirada e Provas múltiplas e dois pelo Modelo de Oposições Máximas. Nenhum dos modelos utilizados na terapia enfatizou habilidades de consciência fonológica. O tempo médio de terapia realizada foi de vinte sessões para cada sujeito. Após a realização da terapia os participantes receberam alta, pois haviam superado as alterações na fala.

Os sujeitos foram localizados a partir de seus endereços e telefones registrados no arquivo do CELF (Centro de Estudos de Linguagem e Fala) da clínica-escola. Os critérios de inclusão para compor o grupo de estudo foram: ter apresentado diagnóstico de desvio fonológico no período em que ingressaram no SAF (serviço de atendimento

fonoaudiológico), ter sido submetido à fonoterapia, recebido alta do serviço fonoaudiológico e a assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido (anexo I) pelos pais ou responsáveis. Para constituir o grupo controle foram selecionados sujeitos sem histórico de desvio fonológico ou de qualquer outro comprometimento de fala, linguagem ou orgânico. Essa seleção foi feita a partir da anamnese, realizada com os pais ou responsáveis, da avaliação informal (observação) da fala dos sujeitos e, também, de informações coletadas com os professores, nas escolas em que cada sujeito freqüentava. O pareamento para o grupo controle foi realizado considerando o grau de escolaridade dos sujeitos, ou seja, para cada sujeito do grupo de estudo, foi selecionado outro, com o mesmo grau de escolaridade.

A avaliação da consciência fonológica foi realizada utilizando o Instrumento de Avaliação Seqüencial CONFIAS⁹, constituído por um conjunto de 9 tarefas (nível de sílaba) e um conjunto de 7 tarefas (nível do fonema). As tarefas de nível de sílaba são as seguintes: 1) síntese silábica (S1), 2) segmentação silábica (S2), 3) identificação de sílaba inicial (S3), 4) identificação de rima (S4), 5) produção de palavra com a sílaba dada (S5), 6) identificação de sílaba medial (S6), 7) produção de rima (S7), 8) exclusão silábica (S8), 9) transposição silábica (S9). As tarefas de nível do fonema são: 1) produção de palavra que inicia com o som dado (F1), 2) identificação de fonema inicial (F2), 3) identificação de fonema final (F3), 4) exclusão fonêmica (F4), 5) síntese fonêmica (F5), 6) segmentação fonêmica (F6), 7) transposição fonêmica (F7). Cada resposta correta dos sujeitos equivale a um ponto, sendo o número total de acertos possíveis igual a setenta pontos (tarefas silábicas = 40 pontos e tarefas fonêmicas = 30 pontos).

Para o cálculo das médias, com relação ao teste CONFIAS⁶, foi feito o total de pontos das tarefas silábicas, o total de pontos das tarefas fonêmicas e o desempenho total de cada sujeito no teste (tarefas silábicas + tarefas fonêmicas). Após foi feita a média do desempenho do grupo somando-se os desempenhos individuais em cada uma das tarefas e o desempenho total de cada sujeito e dividindo-se pelo número de sujeitos.

Os dados foram analisados estatisticamente utilizando o teste Kruskal-Wallis. A análise foi feita para verificar se houve diferenças significativas entre o desempenho dos dois grupos nas atividades silábicas e fonêmicas e, também, no total das atividades de consciência fonológica de cada grupo. O nível de confiança considerado foi de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS

Na tabela 1 será apresentada a média de acertos dos grupos de estudo e controle nas tarefas de consciência fonológica e os escores do teste CONFIAS, considerando a hipótese de escrita alfabética.

Tabela 1 MÉDIA DE ACERTOS DOS GRUPOS DE ESTUDO E CONTROLE NAS TAREFAS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

TAREFAS	CONFIAS	Média GE	Média GC
SILÁBICAS	35,8	35,7	39,3
FONÊMICAS	20,6	24,2	28,6
TOTAL	56,4	59,9	67,9

Pela análise dos resultados de desempenho nas habilidades de consciência fonológica dos grupos pesquisados, foi possível observar que ambos os grupos obtiveram desempenho dentro do esperado ou acima do esperado nas habilidades de consciência fonológica para a hipótese de escrita alfabética, de acordo com os escores obtidos na validação do teste CONFIAS. Segundo estes escores, para a hipótese de escrita alfabética a média de acertos nas tarefas silábicas é de 35,8, nas tarefas fonêmicas é de 20,6 e no total das tarefas é de 56,4. Nesta pesquisa o grupo de estudo obteve média de acertos nas tarefas silábicas de 35,7, nas tarefas fonêmicas de 24,2 e no total das tarefas de 59,9. O grupo controle, por sua vez, obteve média de acertos nas tarefas silábicas de 39,3, nas tarefas fonêmicas de 28,6 e no total das tarefas de 67,9. Os valores encontrados acima do esperado pelo teste podem ser explicados, pelo fato de os sujeitos da presente pesquisa apresentarem média de idade e grau de escolaridade superiores aos sujeitos que compuseram a amostra da pesquisa de validação do teste CONFIAS.

TABELA 2 MÉDIA DOS ESCORES, DESVIO PADRÃO E VALORES DE P DO GE E GC -TESTE KRUSKAL-WALLIS

VARIAVEIS	GE (N= 9)		GC (N= 9)		P
	M.E	DP	M.E	DP	
S1	9.5	0.0	9.5	0.0	1.00
S2	9.5	0.0	9.5	0.0	1.00
S3	8.0	7.3	11.0	7.3	0.0652
S4	7.5	8.2	11.5	8.2	0.0289
S5	9.5	0.0	9.5	0.0	1.00
S6	9.0	4.5	10.0	4.5	0.3173
S7	7.0	10.8	11.9	10.8	0.0431
S8	6.5	9.4	12.5	9.4	0.0042
S9	9.0	4.5	10.0	4.5	0.3173
TOTAL S	5.8	11.0	13.1	11.0	0.0028
F1	9.0	4.5	10.0	4.5	0.3173
F2	9.0	4.5	10.0	4.5	0.3173
F3	8.1	9.4	10.8	9.4	0.2052
F4	7.3	9.4	11.6	9.4	0.0395
F5	8.6	9.8	10.3	9.8	0.4448
F6	7.1	10.7	11.8	10.7	0.0456
F7	7.3	9.4	11.6	9.4	0.0439
TOTAL F	6.1	11.2	12.8	11.2	0.0066
TOTAL F+S	5.7	11.2	13.2	11.2	0.0094

Legenda: GE: grupo estudo. GC: grupo controle. CF: consciência fonológica. N: número de sujeitos que compõem o grupo experimental. S: atividades silábicas que compõem o teste de CF. F: atividades fonêmicas que compõem o teste de CF. DP: desvio padrão. S1: síntese. S2: segmentação. S3: identificação de sílaba inicial. S4: identificação de rima. S5: produção de palavra com a sílaba dada. S6: identificação de sílaba medial. S7: produção de rima. S8: exclusão. S9: transposição. F1: produção de palavra que inicia com o som dado. F2: identificação de fonema inicial. F3: identificação de fonema final. F4: exclusão. F5: síntese. F6: segmentação. F7: transposição. $P < 0,05$ (valor em negrito, estatisticamente significativo). M.E: média dos escores. DP: desvio padrão em torno de H_0 (hipótese de nulidade).

Comparando-se o desempenho entre os grupos, a partir da análise dos resultados apresentados na tabela 2, pôde-se observar que houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre os grupos de estudo e controle nas atividades silábicas de identificação de rima ($p = 0,0289$), produção de rima ($p = 0,0431$), exclusão de sílabas ($p = 0,0042$), no total das atividades de sílabas ($p = 0,0028$) e nas atividades fonêmicas: de exclusão de fonemas ($p = 0,0395$), segmentação de fonemas

($p= 0,0456$), transposição de fonemas ($p= 0,0439$), no total das atividades fonêmicas ($p= 0,0066$) e também no total das atividades silábicas e fonêmicas ($p= 0,0094$).

DISCUSSÃO

Os achados desta pesquisa corroboram o estudo que comparou as habilidades em consciência fonológica de sujeitos com desvio fonológico com um grupo controle. Os sujeitos sem desvio fonológico apresentaram bom desempenho nas habilidades de consciência fonológica, ao contrário do grupo com desvio fonológico¹⁰. Outros estudos mostram que crianças que apresentam desvios fonológicos têm desempenho inferior em habilidades metalingüísticas do que crianças que desenvolvem a linguagem sem apresentar desvios^{11, 12}. Na presente pesquisa, o grupo com desvios fonológicos apresentou desempenho inferior ao grupo sem desvios, tanto nas habilidades primárias de consciência fonológica, como nas habilidades mais complexas.

Um estudo de acompanhamento de sujeitos com 16 e 17 anos que apresentaram dificuldades de fala e linguagem, na pré-escola, revelou que os sujeitos que tiveram as dificuldades de fala resolvidas em torno dos 5 anos, apresentaram uma performance melhor, nas habilidades de linguagem, do que o grupo com dificuldades persistentes de fala e linguagem¹³.

Testes de escrita e leitura foram aplicados em crianças com dificuldades de fala e linguagem. Essas crianças foram acompanhadas nos períodos em que cursaram o jardim de infância e a pré-escola. As crianças com dificuldade de fala e linguagem apresentaram menor desempenho em testes de leitura em relação ao grupo controle. As habilidades na linguagem, no jardim de infância, mostraram-se relacionadas às habilidades de leitura e as dificuldades fonológicas, e foram consideradas boas preditoras das habilidades da escrita¹⁴.

A relação entre as habilidades de consciência fonológica e o desempenho na escrita de crianças, com histórico de desvio fonológico, foram investigadas após a

realização de terapia fonoaudiológica. As autoras¹⁵ verificaram que os sujeitos que apresentaram desempenho ruim em atividades de tarefas fonêmicas, também apresentaram mau desempenho nas habilidades de consciência fonológica. Os resultados deste trabalho confirmaram a relação entre linguagem oral e o posterior desenvolvimento das habilidades lingüísticas, pois futuramente, estes déficits poderão influenciar negativamente o desenvolvimento a aquisição e o desenvolvimento da escrita.

As alterações na fala, em idade pré-escolar, poderão ocasionar dificuldades no desenvolvimento da leitura. Crianças que apresentam estas alterações devem ser identificadas e inseridas em programas de intervenção, em consciência fonológica, para que estas prováveis dificuldades sejam minimizadas¹⁶.

Alterações no nível fonológico da linguagem podem ocasionar conseqüências para outras áreas da linguagem e dificuldade de aprendizagem. Segundo pesquisa realizada com escolares, os transtornos fonológicos influenciaram diretamente a aquisição da leitura e escrita, e também, o desempenho escolar dos sujeitos em estudo¹⁷. Outro estudo mostra que nas etapas iniciais da alfabetização é muito importante trabalhar com o processamento fonológico, pois os maus leitores apresentam dificuldades nesta área¹⁸.

Recente pesquisa em que as autoras aplicaram um programa de atividades que estimulava as habilidades de consciência fonológica, tendo como base a teoria da hierarquia de traços distintivos, evidenciou que a melhora nas habilidades de consciência fonológica favoreceu o desenvolvimento do sistema fonológico¹⁹. De acordo com as autoras, esta melhora possibilitou maior atenção aos sons da fala e,

também, à percepção da presença de traços comprometidos na fala, pela própria criança.

O resultado do estudo com o objetivo de verificar a eficácia da intervenção em consciência fonológica de crianças, com alteração de fala e de linguagem, evidenciou que esta, possibilita melhoras na produção da fala e no desenvolvimento da leitura²⁰.

Conforme outra pesquisa, na qual foi avaliada a consciência fonológica de um grupo de escolares da primeira série do primeiro grau, mesmo sendo alfabetizadas, as crianças apresentaram uma dificuldade maior na realização de tarefas envolvendo manipulação fonêmica. Para a autora, o resultado do estudo mostra a importância da realização de programas que estimulem as habilidades de consciência fonológica na pré-escola, fator importante para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Crianças que apresentam desvios fonológicos, geralmente, apresentam déficit nas habilidades de consciência fonológica. É importante que estes déficits sejam detectados e tratados precocemente²².

CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo mostraram, que mesmo após a intervenção fonológica, os sujeitos apresentaram desempenhos inferiores nas habilidades de consciência fonológica com relação aos sujeitos com desenvolvimento normal. Estes resultados podem ser explicados pelo histórico de desvio fonológico. Mesmo após ter sido tratado, o desvio fonológico se manifestou causando prejuízos em outras capacidades lingüísticas. As dificuldades em consciência fonológica são resultantes da alteração do processamento fonológico causada pelo desvio fonológico. Pode-se dizer que o desenvolvimento adequado do sistema fonológico é a base para o desenvolvimento posterior de outras capacidades lingüísticas, isto ressalta a importância de pesquisar uma terapia fonológica com ênfase no processamento fonológico.

REFERÊNCIAS

1. Grunwell P. Os Desvios Fonológicos Evolutivos numa perspectiva lingüística. In: Yavas M. (Org.). Desvios Fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
2. Stackhouse J. Phonological awareness: connecting speech and literacy problems. In: Hodson BW, Edwards ML. Perspectives in applied phonology. Gaithsburg: Aspen, 1997, cap. 7, p. 157-196.
3. Bird J, Bishop DVM. Perception and awareness of phonemes in phonologically impaired children. European journal of communication. 1992; 27: 289-311.
4. Barrera SD, Maluf RM. Consciência metalingüística e alfabetização: Um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. Psicologia, reflexão e crítica. 2003; 16(3): 491-502.
5. Etchepareborda MC. La intervención em los transtornos disléxicos: entrenamiento de la conciencia fonológica. Revista de Neurologia. 2003; V 36(1): 13-19.
6. Stackhouse J. Phonological awareness: connecting speech and Literacy problems. 1997. In: Hodson BW, Edwards ML. Perspectives in Applied Phonology. Gaithsburg: Aspen, 1997.
7. Santamaria VL, Leitão PB, Assencio-Ferreira V.J. A consciência fonológica no processo de alfabetização. Revista CEFAC. 2004; V. 6(3): 237-241.
8. Capovilla AGS, Capovilla FC, Gütschow CRD. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. Psicologia: teoria e prática. 2004; V.6(2): 13-26.

9. Moojen S, Lamprecht R, Santos RM, Freitas GM, Brodacz R, Siqueira M et al. Consciência fonológica: instrumento de avaliação seqüencial. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
10. Morales MV, Mota HB, Keske-Soares M. Consciência Fonológica: Desempenho de crianças com e sem desvios fonológicos evolutivos. Pró-Fono Rev de Atualização Científica. 2002; 14(2): 153-164.
11. Howell J, Dean E. Treating Phonological disorders in children. 2a ed. London: Whurr; 1994. 212 p.
12. Major EM, Bernhardt BH. Metaphonological skills of children with phonological disorders before and after phonological and metaphonological intervention. Int J Lang Commun Disord. 1998; 33(4): 413-44.
13. Snowling MJ, Adams JW, Bishop DVM, Stothard SE. Educational attainments of school leavers with a preschool history of speech-language impairments. International journal of language e communication disorders. 2001; 36(2): 173-183.
14. Catts H. The relationship between speech-language impairments and reading disabilities. Journal of speech and hearing research. 1993; 36: 948-958.
15. Mota HB, Melo Filha MGC, Lasch SS. A consciência fonológica e o desempenho na escrita sob ditado de crianças com desvio fonológico após realização de terapia fonoaudiológica. 2007.Rev CEFAC; 9(4): 477-482.
16. Nathan L, Stackhouse J, Goulandris N, Snowling MJ. The development of early literacy skills among children with speech difficulties: a test of the “critical age hypothesis”. J Speech Lang Hear Res. 2004; 47(2): 377- 91.
17. Salgado C, Capellini SA. Desempenho e escrita de escolares com transtorno fonológico. Psicologia Escolar e Educacional. 2004; 8(2): 179-188.

18. Capovilla AG, Joly MA, Ferracini F, Caparrotti NB, Carvalho MR, Raad AJ. Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2004; 8(2): 189-197.
19. Spíndola RA, Payão LM, Bandini MH. Abordagem fonoaudiológica em desvios fonológicos fundamentada na hierarquia dos traços distintivos e na consciência fonológica. 2007. *Rev CEFAC*; 9(2): 180-189.
20. Gillon GT. The efficacy of phonological awareness intervention for children with spoken language impairment. *Lang Speech Hear Serv Schools*. 2000; 31: 126- 41.
21. Souza LB. Consciência fonológica em um grupo de escolares da 1ª série do 1º grau em Natal – RN. *Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 2005; 10 (2):12-17.
22. Laing SP, Espeland W. Low intensity phonological awareness training in a preschool classroom for children with communication impairments. *J commun Disord*. 2005; 38(1): 65-82.

4 DESEMPENHO EM HABILIDADES DE LINGUAGEM DE CRIANÇAS COM DESVIO FONOLÓGICO APÓS TERAPIA FONOLÓGICA

Language performance of children with phonological disorders after speech therapy

RESUMO

Objetivo: A presente pesquisa tem como objetivo verificar o desempenho em habilidades de linguagem de dois grupos, um grupo de estudo com histórico de desvio fonológico (após ter realizado terapia fonológica) e um grupo controle. **Métodos:** dezoito sujeitos, nove do grupo de estudo e nove do controle, participaram do estudo e foram avaliados quanto à linguagem escrita a partir da aplicação de atividades de compreensão de texto, complementação de sentenças, formação de sentenças, seqüencialização de parágrafos e combinação de sentenças que fazem parte do Exame de Linguagem TIPITI. **Resultados:** Os resultados da pesquisa mostraram correlações estatísticas significativas, positivas e fortes, nas habilidades de linguagem, entre os grupos estudados, e também diferenças estatisticamente significativas entre o grupo experimental e o grupo controle na análise do teste Kruskal-Wallis. **Conclusão:** Verificou-se que mesmo após a realização de terapia fonológica e a superação dos desvios, o grupo experimental apresentou desempenho inferior ao grupo controle.

DESCRITORES: Deficiências fonológicas; Fonoterapia; Linguagem Infantil; Linguagem; Desenvolvimento da Linguagem.

ABSTRACT

Purpose: to verify whether there are differences in performance on activities involving language between two groups, an experimental group with a history of speech disorders (after speech therapy) and a control group with normal phonological development.

Methods: eighteen individuals participated in the study and were evaluated on written language, on text comprehension activities, sentences complementation, sentences formation, paragraph continuation and sentences combination as part of the Language Exam, TIPITI.

Results: it was observed positive and strong significant statistical correlations between both groups studied and also statistical significant differences among experimental group and control group on Kruskal-Wallis analysis test.

Conclusions: even after exposure to speech therapy and overcoming speech disorders the experimental group presented lower performance on language activities when compared to the control group.

KEYWORDS: Articulation disorders, Speech Therapy; Child Language; Language; Language Development.

INTRODUÇÃO

As capacidades fonológicas de crianças em idade pré-escolar são consideradas preditivas do posterior sucesso no aprendizado da leitura e da escrita^{1,2,3,4}. Autores indicam que a memória fonológica está relacionada positivamente com o grau de severidade do desvio fonológico⁵. De acordo com a literatura existe, uma relação de previsibilidade entre os desvios fonológicos e a sua presença na escrita⁶.

Grupos de crianças com problemas no aprendizado da leitura apresentam uma característica em comum, o prejuízo na medida de capacidade da memória. Apresentam, também, desempenho prejudicado em testes envolvendo manipulação fonológica ou consciência fonológica⁷.

Alguns autores referem que as alterações no sistema fonológico, de crianças em fase pré-escolar, podem influenciar a percepção da fala e, também, a organização e a compreensão das regras fonológicas.^{8,9,10}

A literatura acima citada nos possibilita pensar que crianças que apresentam histórico de desvio fonológico possam apresentar posteriores dificuldades no desenvolvimento da linguagem, pois os transtornos fonológicos podem acarretar déficits em habilidades de consciência fonológica e conseqüentemente levar a dificuldades de aprendizagem.

A presente pesquisa tem como objetivo verificar o desempenho em habilidades de linguagem de dois grupos, um grupo de estudo com histórico de desvio fonológico (após ter realizado terapia fonológica) e um grupo controle.

MÉTODOS

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa de uma Instituição de Ensino Superior, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob número do processo: 23081.007151/2006-35.

O grupo que participou da pesquisa foi constituído por dezoito sujeitos, sendo oito do sexo masculino e dez do feminino, que cursavam entre a 4^a e 8^a séries do ensino fundamental de escolas públicas, com idades entre 9 e 15 anos (grupo controle) e 10 e 14 anos (grupo de estudo), no ano de 2006.

Destes participantes, nove constituíram o grupo de estudo, sendo 5 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, realizaram fonoterapia na clínica-escola, no período de 1998 a 2002. Os sujeitos do grupo de estudo tinham entre 4 anos e 8 meses e 6 anos e 8 meses quando iniciaram a terapia fonológica. Um dos sujeitos apresentava desvio fonológico de grau moderado-severo; seis, desvio médio e dois, médio-moderado. Os demais participantes fizeram parte do grupo controle.

Para constituir o grupo controle foram selecionados sujeitos sem histórico de desvio fonológico ou de qualquer outro comprometimento de fala, linguagem ou orgânico. Essa seleção foi feita a partir da anamnese, realizada com os pais ou responsáveis, da avaliação informal (observação) da fala do sujeito e, também, de informações coletadas com os professores, nas escolas em que cada sujeito freqüentava. O pareamento para o grupo controle foi realizado considerando o grau de escolaridade dos sujeitos, ou seja, para cada sujeito do grupo de estudo, foi selecionado outro, com o mesmo grau de escolaridade.

Os sujeitos foram localizados a partir de seus endereços e telefones registrados no arquivo do CELF (centro de estudos de linguagem e fala), assim, foram convidados

a participar da pesquisa. Os critérios de inclusão para compor o grupo de estudo foram: Ter apresentado diagnóstico de desvio fonológico no período em que ingressaram no SAF (serviço de atendimento fonoaudiológico), ter sido submetido à fonoterapia, recebido alta do serviço fonoaudiológico e a assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido (anexo I) pelos pais ou responsáveis. Dos participantes da pesquisa que fizeram parte do grupo de estudo, quatro foram tratados pelo Modelo de terapia fonológica de Ciclos Modificado, três pelo Modelo ABAB-Retirada e Provas múltiplas e dois pelo Modelo de Oposições Máximas. O tempo médio de terapia realizada foi de vinte sessões para cada sujeito. Após a realização da terapia os sujeitos receberam alta, pois haviam superado as alterações na fala.

A avaliação da linguagem foi realizada a partir da aplicação das provas de compreensão de texto, complementação de sentenças, formação de sentenças, seqüencialização de parágrafos e combinação de sentenças que fazem parte do Exame de Linguagem TIPITI¹¹. Estas provas são diferenciadas e adequadas a cada nível de escolaridade (anexoII). No caso deste estudo foram aplicadas as provas que correspondiam aos níveis de escolaridade dos participantes da pesquisa, ou seja, da quarta série até a oitava série do ensino fundamental. Na prova de compreensão de texto a porcentagem de acertos foi calculada considerando que o total de questões sobre o texto equivalia a 100%. Os valores de cada questão foram atribuídos de acordo com o número total de questões. No caso da prova aplicada para a quarta série, o número total de questões foi cinco, logo, a cada questão foi atribuído o valor de 20%. Para o cálculo da média de acertos dos grupos controle e de estudo foram somadas as porcentagens de cada prova e este total foi dividido pelo número de sujeitos. Isso foi feito separadamente para cada grupo. Para as demais provas foi utilizado o mesmo

procedimento para o cálculo da porcentagem de acertos, e também, para o cálculo das médias. Observa-se que os itens de cada prova foram julgados corretos ou errados de acordo com a exigência da prova em questão. As questões de compreensão de texto, por exemplo, foram julgadas levando em consideração a coerência das respostas, se estavam de acordo com o texto e não os erros ortográficos. Nas provas de complementação, formação e combinação de sentenças foi considerado o uso de conectivos adequados e a distorção, ou não, do sentido das frases. Nas provas de seqüencialização de parágrafos foi considerada a noção temporal, o entendimento da seqüência de acontecimentos da estória apresentada no texto.

Para a análise dos dados foi utilizado teste de correlação “r de Pearson” e, também, o teste Kruskal-Wallis. O nível de confiança considerado foi de 5% ($p < 0,05$). O teste Kruskal-Wallis foi utilizado para verificar se houve diferenças significativas entre o desempenho do GE e GC nas habilidades de linguagem. O teste “r de Pearson” foi utilizado para verificar se houve correlação entre as habilidades de linguagem dos dois grupos estudados.

RESULTADOS

Na Tabela 1 são apresentados os dados utilizados na análise estatística de correlação dos grupos experimental e controle.

TABELA 1. MÉDIA E DESVIO PADRÃO DO DESEMPENHO DO TOTAL DA AMOSTRA (GE E GC) NAS ATIVIDADES DE LINGUAGEM

VARIAVEIS	N	MEDIA	DP
Compreensão de texto	18	77.77	19.79
Complementação de sentenças	18	74.44	22.93
Formação de sentenças	18	83.33	22.55
Sequencialização de parágrafos	18	80.15	31.04
Combinação de sentenças	18	83.88	17.45
Total	18	402.97	81.86

1. N. Número total de sujeitos
2. DP. Desvio padrão
3. GE. Grupo de estudo
4. GC. Grupo controle

Na Tabela 2 são apresentados os resultados da análise estatística de correlação dos grupos experimental e de controle nas atividades de linguagem pesquisadas.

TABELA 2. RESULTADOS DA ANALISE ESTATISTICA DE CORRELAÇÃO R DE PEARSON DO DESEMPENHO TOTAL DA AMOSTRA (GE E GC) NAS ATIVIDADES DE LINGUAGEM

VARIAVEIS	Compreensão de texto	Complementação de sentenças	Formação de sentenças	Sequencialização de parágrafos	Combinação de sentenças	Total
Compreensão de texto	1.00	0.43760	0.55770	0.51893	0.68205	0.83212
		0.0693	0.0162	0.0273	0.0018	<. 0001
Complementação de sentenças	-	1.00	0.59497	0.32586	0.81391	0.76250
			0.0092	0.1870	< .0001	0.0002
Formação de sentenças	-	-	1.00	0.04006	0.84300	0.76557
				0.8746	< .0001	0.0002
Sequencialização de parágrafos	-	-	-	1.00	0.32147	0.58300
					0.1933	0.0111
Combinação de sentenças	-	-	-	-	1.00	0.92563
						< .0001
Total	-	-	-	-	-	1.00

1. $P < 0,05$ (valor em negrito, estatisticamente significativo, segundo valor nas linhas)

2. $r > 0,5$ quanto maior esse valor mais forte será a correlação (primeiro valor nas linhas, acima dos valores de p)

De acordo com a Tabela 2 é possível observar que houve correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre as atividades de compreensão de texto e formação de sentenças ($p = 0,0162$), complementação de sentenças e formação de sentenças ($p = 0,0092$), compreensão de textos e seqüencialização de parágrafos ($0,0273$), compreensão de texto e combinação de sentenças ($p = 0,0018$), compreensão de texto e total das atividades de linguagem ($p < 0,0001$), complementação e combinação de sentenças ($p < 0,0001$), complementação de sentenças e total das atividades de linguagem ($p = 0,0002$), formação de sentenças e combinação de sentenças ($p < 0,0001$), formação de sentenças e total das atividades de linguagem ($p = 0,0002$), seqüencialização de parágrafos e total das atividades de linguagem ($p = 0,0111$) e combinação de sentenças e total das atividades de linguagem ($p < 0,0001$).

Os resultados da pesquisa mostram correlações estatísticas significativas, positivas e fortes entre os grupos estudados e, também, que há diferenças estatisticamente significativas, entre o grupo de estudo e o grupo controle, quanto ao resultado da análise realizada utilizando o teste Kruskal-Wallis.

Na Tabela 3 são apresentados os resultados da análise estatística Kruskal-Wallis evidenciando as diferenças de desempenho entre os grupos de estudo e controle.

TABELA 3. MÉDIA DOS ESCORES, DESVIO PADRÃO E VALORES DE P DO GE E GC – TESTE KRUSKAL-WALLIS

VARIÁVEIS	GE (N = 9)		GC (N= 9)		P
	M.E	DP	M.E	DP	
Compreensão de texto	7.55	10.97	11.44	10.97	0.1108
Complementação de sentenças	5.38	11.28	13.61	11.28	0.0010
Formação de sentenças	5.72	10.79	13.27	10.79	0.0016
Seqüencialização de parágrafos	7.83	9.92	11.16	9.92	0.1306
Combinação de sentenças	6.00	10.76	13.00	10.76	0.0034
Total	5.55	11.31	13.44	11.31	0.0017

1.GE. Grupo de estudo.

2.GC Grupo controle.

3.N. Numero de sujeitos

4.DP. Desvio padrão em torno de H0 (H0:hipótese de nulidade)

5. P<0,05 (valor em negrito, estatisticamente significativo)

6. M.E. Média dos escores

Entre os grupos (Tabela 3), as diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) foram observadas nas atividades de complementação de sentenças ($p = 0,0010$), formação de sentenças ($p = 0,0016$), combinação de sentenças ($p = 0,0034$) e no total das atividades de linguagem ($p = 0,0017$). Todas as atividades em questão, são atividades que solicitam dos sujeitos a integração de informações, entendimento das frases, noção de termos de ligação (que, porque, quando), capacidade de extrair significados das frases, noção da estrutura de frases, ou seja, habilidades de linguagem que envolvem todos os seus níveis dentre os quais faz parte a consciência morfosintática.

DISCUSSÃO

A consciência morfossintática se refere à capacidade de pensar sobre as palavras como categorias gramaticais e sobre sua posição nas frases (parte sintática) e também sobre a flexão e derivação das palavras (parte morfológica)¹². A mesma autora sugere que a aprendizagem da leitura e da escrita possa ser influenciada tanto pela consciência fonológica como pela consciência morfossintática, pois esta última possibilita o entendimento da palavra como categoria gramatical e sua adequada posição na construção das frases, aumentando a capacidade de produção da linguagem escrita. Para escrever é necessária capacidade de pensar sobre a estrutura das palavras e sua posição na frase¹³.

Um estudo de acompanhamento de crianças que apresentaram dificuldades fonológicas, em idade pré-escolar, avaliou a linguagem destes sujeitos na idade adulta. De acordo com os resultados desta pesquisa, adultos com histórico de dificuldades fonológicas continuaram a apresentar resultados inferiores em testes envolvendo habilidades de linguagem, quando comparados a um grupo controle¹⁴ corroborando os achados do presente estudo.

A relação entre as habilidades na produção sintática e fonológica de crianças com desordens fonológicas severas e moderadamente severas foi estudada. De acordo com os resultados da pesquisa, a boa performance das crianças nestas tarefas parece estar relacionada a fatores como idade e nível de severidade das desordens morfossintáticas e fonológicas. Nesta pesquisa, crianças com desvio fonológico moderado e uma boa habilidade de produção morfossintática apresentaram melhora na realização de tarefas metafonológicas após, somente, a intervenção fonológica. Já, as

crianças com desvio fonológico e desordens morfossintáticas apresentaram melhora, na performance destas tarefas, após a intervenção fonológica e metafonológica¹⁵.

Um estudo de acompanhamento de crianças em idade pré-escolar e com dificuldades de fala e linguagem foi realizado até a idade da adolescência. Foi aplicada uma bateria de testes de fala e de habilidades de leitura. Este estudo revelou que as crianças que superaram as dificuldades de linguagem, não diferiram do grupo controle nos testes de vocabulário e de compreensão da linguagem. Entretanto, apresentaram déficits nos testes envolvendo processamento fonológico e habilidades de leitura¹⁶, o que concorda com os resultados encontrados na presente pesquisa.

As conseqüências do desvio fonológico para o desenvolvimento da linguagem foram relatadas em um estudo que avaliou crianças com histórico de desvio fonológico em idade pré-escolar. Foram testadas habilidades fonológicas, leitura e soletração, durante o período da pré-escola, durante o período escolar, durante a adolescência e também, na idade adulta. Os resultados mostraram que os sujeitos com desvio fonológico apresentaram performances mais pobres quando comparados a um grupo controle. Também foi constatada uma melhora na performance desses sujeitos, da pré-escola para a idade escolar e da adolescência para a idade adulta. Sujeitos que apresentavam outros problemas de linguagem, somados ao desvio fonológico, apresentaram resultados ainda mais pobres nas habilidades de leitura e soletração. De acordo com as autoras, as conseqüências dos desvios fonológicos, manifestados em idade pré-escolar, podem ser constatadas, mais adiante, em idade escolar persistindo até a idade adulta¹⁷. Os resultados encontrados na presente pesquisa estão em conformidade com o estudo acima descrito, pois o grupo com histórico de desvio fonológico apresentou performance mais baixa que o grupo controle nas atividades de

linguagem, sendo que os sujeitos que constituíram o grupo de estudo, atualmente, se encontram com idade entre 10 a 14 anos.

Testes envolvendo habilidades fonológicas, semânticas e sintáticas foram aplicados em crianças em idade pré-escolar (4 a 6 anos) e com desvio fonológico. As pesquisadoras verificaram que, mais adiante, em idade escolar (8 a 11 anos), as crianças que apresentavam déficits na linguagem, haviam apresentado uma baixa performance nos testes pré-escolares envolvendo sintaxe e repetição de pseudo-palavras. Já as crianças que apresentavam déficits na leitura, em idade escolar, haviam apresentado uma baixa performance em todos os testes pré-escolares, ou seja, fonologia, semântica e sintaxe¹⁸.

Um programa de intervenção fonológica e metafonológica foi aplicado em crianças com déficits fonológicos. Os resultados da pesquisa salientaram que a intervenção fonológica e metafonológica podem promover melhora no desenvolvimento da fala e também, no desenvolvimento das habilidades de leitura. O risco para a presença de dificuldades, futuras, de fala e leitura pode ser reduzido a partir da intervenção¹⁹. Os resultados do presente estudo evidenciaram que mesmo após a realização de terapia fonológica houve diferenças significativas entre o desempenho dos grupos com e sem histórico de desvios fonológicos. Se o grupo em estudo não tivesse realizado terapia fonológica, provavelmente, a diferença do desempenho entre os grupos seria maior.

Crianças com alterações na fala e na linguagem, com idades entre 5 anos e 10 meses, 6 anos e 7 meses e 7 anos e 8 meses, foram comparadas a um grupo controle quanto a habilidades de consciência fonológica e leitura. As crianças com dificuldades fonológicas apresentaram desempenho inferior nas habilidades de consciência

fonológica e de leitura, independente de apresentar ou não, dificuldades adicionais de linguagem²⁰.

Outro estudo também evidenciou a importância das habilidades metalingüísticas como a consciência fonológica e a consciência sintática para a aquisição da leitura e da escrita²¹. A relação entre as habilidades metalingüísticas de consciência fonológica, consciência sintática, consciência da palavra e o desempenho ortográfico foi observada em pesquisa com crianças de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. A autora também observou que as habilidades e o desempenho ortográfico evoluíram com o avanço na escolarização²².

Também foi constatado, através de pesquisa, que um grupo de maus leitores de 1ª série apresentaram discriminação fonológica pobre, baixa velocidade de processamento e memória fonológica pobre quando comparados com um grupo de bons leitores²³.

O presente estudo confirma os achados da pesquisa que verificou a reincidência dos desvios fonológicos na escrita de crianças, com idade entre sete e dez anos, que já haviam superado as alterações na fala²⁴. Este estudo comparou o desempenho de sujeitos com histórico de desvios fonológicos, após a realização de terapia fonoaudiológica, com um grupo controle. Os sujeitos foram avaliados quanto à linguagem e pôde-se constatar que mesmo tendo superado as alterações na fala, o grupo com desvios obteve performance mais baixa do que o grupo controle nas atividades envolvendo a linguagem.

A literatura mostra a relação entre desvios fonológicos e consciência fonológica e memória de trabalho e severidade do desvio fonológico^{25,26,27,5}. Talvez a diferença estatística no resultado do presente estudo possa ser explicada a partir dessas

relações, tendo como fator causal os transtornos fonológicos dificultando o desenvolvimento das capacidades lingüísticas posteriores.

CONCLUSÃO

Verificou-se que, mesmo após a realização de terapia fonoaudiológica e a superação dos desvios fonológicos, o grupo de estudo apresentou desempenho inferior nas habilidades de linguagem avaliadas. Nesse caso, pode-se suspeitar que as alterações fonológicas tenham influenciado o desenvolvimento da linguagem. Deve-se dar atenção a aspectos que podem ser melhor avaliados ou tratados, durante a terapia, no caso de diagnóstico de desvio fonológico, como o processamento fonológico e memória fonológica. Sugere-se a realização de mais estudos nessa área para conhecer melhor a relação entre as habilidades fonológicas e as outras áreas da linguagem.

REFERENCIAS

1. Santos M, Navas A. Distúrbios de Leitura e Escrita. Teoria e Prática. São Paulo: Manole; 2002. 389 p.
2. Cardoso-Martins C. Awareness of phonemes and alphabetic literacy acquisition. *British Journal of Educational Psychology*. 1991; 61: 164-173.
3. Lundberg I, Frost J, Petersen O. Effects of an extensive program for stimulating phonological awareness in preschool children. *Reading Research Quarterly*. 1998; 23(3): 263-283.
4. Torgesen JK, Wagner RK, Rachotte C. A. Longitudinal studies of phonological processing and reading. *Journal of Learning Disabilities*. 1994; 27 (5): 276-286.
5. Linassi LZ, Keske-Soares M, Mota HB. Habilidades de memória de trabalho e o grau de severidade do desvio fonológico. *Revista Pró-Fono*. 2005; 17(3), 383-392.
6. Santos RM, Freitas GCM. Desvios fonológicos na fala e na escrita: uma relação previsível ?. *Revista Fono Atual*. 2003; 23(6): 26-32.
7. Stackhouse J. Phonological awareness: connecting speech and Literacy problems. 1997. In: Hodson BW, Edwards ML. *Perspectives in Applied Phonology*. Gaithsburg: Aspen, 1997. chap. 7, p. 157-196.
8. Gillon GT. Facilitating phoneme awareness development in 3 –and 4- year- old children with speech impairment. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*. 2005; v. 36, p. 308-324, October 2005.
9. Rvachews S, Grawburg M. Correlates of phonological in preschoolers with speech sound disorders. *Journal of Speech, Language, and Research*. 2006; v.49, p. 74-87.

10. Rvachews S, Chiang P, Evans N. Characteristics of speech errors produced by children with and without delayed phonological awareness skills. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*. 2007; v. 38, p. 60-71.
11. Braz HA, Pellicciotti THF. Exame de linguagem TIPITI. São Paulo: M J N; 1981.
12. Guimarães SR. Influência da variação lingüística e da consciência morfossintática no desempenho em leitura e escrita. *Interação em psicologia*. 2005; 9(2): 261-271.
13. Correa J. A avaliação da consciência morfossintática na criança. *Psicologia: reflexão e crítica*. 2005; 18(1): 91-97.
14. Felsenfeld S, Broen PA, McGue M. A 28-year follow-up of adults with a history of moderate phonological disorder. *Journal of speech, language and hearing research*. 1992; 35: 1114-1125.
15. Bernhardt BH, Major ME. Metaphonological skills of children with phonological disorders before and after phonological and metaphonological intervention. *Int. J. Language e communication Disorders*. 1998; 33 (4): 413-444
16. Stothard SE, Snowling MJ, Bishop DVM, Chipchase BB. Language-impaired preschoolers: a follow-up into adolescence. *Journal of speech, language and hearing research*. 1998; 41: 407-418.
17. Lewis BA, Freebairn L. Residual effects of preschool phonology disoreders in grade school, adolescence, and adulthood. *Journal of speech, language and hearing research*. 1992; 35: 819-831.
18. Lewis BA, Freebairn L, Taylor GH. Academic outcomes in children with histories of speech sound disorders. *Journal of communication disorders*. 2000; 33(1): 11-30.

19. Berhardt B, Major E. Speech, language and literacy skills 3 years later: a follow-up study of early phonological and metaphonological intervention. *International journal of language & communication disorders*. 2005; 40: 1-27.
20. Bird J, Bishop DVM, Freeman NH. Phonological awareness and literacy development in children with expressive phonological impairments. *Journal of speech, language and hearing research*. 1995; 38: 446-462.
21. Capovilla AGS, Capovilla FC, Soares JVT. Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com a consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. *Psico-USF*. 2004; 9(1): 39-47.
22. Queiroga BAM, Borba DM, Vogeley, ACE. Habilidades metalingüísticas e a apropriação do sistema ortográfico. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2004; 9(2): 73-80.
23. Capovilla FC, Capovilla AGS. Problemas de aquisição de leitura e escrita: efeitos de déficit de discriminação fonológica, velocidade de processamento e memória fonológica. *Estudo e pesquisas em psicologia*. 2002; 2(1): 26-50.
24. Santos RM. Reicidência de desvios fonológicos na escrita de crianças. In: Marchesan I, Zorzi J, Gomes I. *Tópicos em Fonoaudiologia*. 1998; 4: 33-47.
25. Morales MV, Mota HB, Keske-Soares M. Habilidades em consciência fonológica em crianças com desvios fonológicos. *J Bras Fonoaudiol*. 2002; 3(10): 72-75.
26. Morales MV, Mota HB, Keske-Soares M. Consciência fonológica: desempenho de crianças com e sem desvios fonológicos evolutivos. *Pró-Fono*. 2002; 14(2): 153-164.
27. Vieira MG, Mota HB, Keske-Soares M. Relação entre idade, grau de severidade do desvio fonológico e consciência fonológica. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2004; 9(3): 144-150.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, C. R. Consciência Fonológica. In: FERREIRA, L.; BEFI-LOPES, D.; LIMONGI, S. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. cap. 64, p. 815-824.

BERNHARDT, B.H.; MAJOR, M.E. Metaphonological skills of children with phonological disorders before and after phonological and metaphonological intervention. **Int. J. Language e communication Disorders**. V. 33, n. 4, p. 413-444. 1998.

BUENO, M. L. P. B. **Oralidade e Escrita: uma relação de complementaridade**. 2003. 90 f. (Dissertação de Mestrado em Educação). Faculdade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003.

CAPOVILLA, A.G.S; CAPOVILLA, F.C.; SOARES, J.V.T. consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. **Psico-UFS**. V.9, n.1, p. 39-47. Jun. 2004.

CAPOVILLA, A.G.S. et al. Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. **Psicologia escolar e educacional**. V.8, n.2, p. 189-197. Dez. 2004.

CAPOVILLA, A.G.S; CAPOVILLA, F.C.; GÜTSCHOW, C.R.D. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. **Psicologia: teoria e prática**. V.6, n. 2, p. 13-26. 2004.

CÁRNIO, M. S; SANTOS, D. Evolução da consciência fonológica em alunos de ensino fundamental. **Revista Pró-Fono**. V. 17, n.2, p. 195-200, maio. 2005.

CATTS, H. W. Phonological Processing deficits and reading disabilities. In: Kamhi, A. G.; Catts, H. W. (Eds.). **Reading Disabilities: A developmental language perspective**. Boston: College Hill Press. 1989.

CHEVRIE-MULLER, C.; NARBONA, J. **A Linguagem da Criança**. Aspectos normais e patológicos. 2. ed. São Paulo, Artmed, 2005. Cap. 13, p. 251-257.

CIELO, C. A. A sensibilidade Fonológica e o início da aprendizagem da leitura. **Letras de Hoje**, v. 33, n. 4, p. 21-60, dez. 1998.

COSTA, A. C. Consciência Fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 2, p. 137-153, jun. 2003.

CUPELLO, R. **O Atraso de Linguagem como Fator Causal dos Distúrbios de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Revinter. 1998.

ETCHEPAREBORDA, M.C. La intervención em los transtornos disléxicos: entrenamiento de la conciencia fonológica. **Revista de Neurologia**. V. 36 (1), p.13-19. 2003.

FEY, M. E. Clinical Forum: Phonological Assessment and Treatment, Articulation and Phonology: Inextricable Constructs in Speech Phonology. **Lang Speech Hear Serv Schools**, v. 23, p. 225 – 232, 1992.

FRANÇA, M. P. **Estudo Longitudinal da Relação entre Aquisição Fonológica e Alterações de Escrita**. 2003. 64 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas: Pediatria) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

FRANÇA, M. P. et al. Aquisição da Linguagem Oral: relação e risco para a linguagem escrita. **Arquivos de Neuropsiquiatria**. V. 62, n. 2b, p. 1-6, Jun. 2004.

FREITAS, G. C. M.; SANTOS, R. M. Desvios fonológicos na fala e na escrita: uma relação previsível? **Revista Fono Atual**. V.6, n.23,p. 26-32, jan / mar. 2003.

GERBER, A. **Problemas de Aprendizagem Relacionados à Linguagem. Sua Natureza e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GINDRI, G.; KESKE-SOARES, M.; MOTA, H. B. Memória de trabalho, consciência fonológica e hipótese de escrita. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 19, n. 3, 2007.

GILLON, G.T. Facilitating phoneme awareness development in 3 –and 4- year- old children with speech impairment. **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, v. 36, p. 308-324, October 2005.

GOLDSWORTHY, C. L. **Developmental reading disabilities: a language based treatment approach**. San Diego, CA: Singular Publishing Group, Inc. 1996.

GONÇALVES, C.S. A interferência da memória de trabalho fonológica no desenvolvimento da linguagem. **Revista Fonoaudiologia Brasil**. V.2, n.1, jun. 2002.

GRUNWELL, P. **The nature of phonological disability in children**. London: Academic Press, 1981.

GRUNWELL, P. **Language Development during the school years**. London, Croom Helm. 1986.

GRUNWELL, P. Os Desvios Fonológicos Evolutivos numa perspectiva lingüística. In: **YAVAS, M. (Org.). Desvios Fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

GUIMARÃES, S. R. K. Influência da variação lingüística e da consciência morfosintática no desempenho em leitura e escrita. **Interação em psicologia**, (9) 2, p.261-271, jul./dez. 2005.

HAASE, V. G. **Consciência Fonêmica e Neuromaturação**. 1990. 341 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

INGRAM, D. Aspects of Phonological Acquisition. In: **Phonological Disability in Children**. Guildford and Wincchester: Billing and Sons Limited, p.10-15, 1976.

LAMPRECHT, R. R. Desvios Fonológicos: evolução nas pesquisas, conhecimento atual e implicações dos estudos em Fonoaudiologia Clínica. In: LAMPRECHT, R. R. **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.65-80, 1999.

LAMPRECHT, R. R. Sobre os Desvios Fonológicos. In: LAMPRECHT, R.R. et al. **Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, p.191-212, 2004.

LOWE, R. J. **Fonologia. Avaliação e intervenção: Aplicações na Patologia da Fala**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MENEZES, G. R. C. **A Consciência Fonológica na Relação Fala – Escrita em Crianças com Desvios Fonológicos evolutivos**. 1999. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

MORALES, M. V.; MOTA, H. B.; KESKE-SOARES, M. Consciência Fonológica: Desempenho de crianças com e sem desvios fonológicos evolutivos. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 14,n 2, p.153-164, maio-ago. 2002.

MOREIRA, C. M. Leitura e Oralidade: Caminhos que se cruzam. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38 n 2, p. 171-195, jun. 2003.

MOTA, H.B. **Terapia Fonoaudiológica para os Desvios Fonológicos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

MOTA, H.B.; MELO FILHA, M.G.C; LASCH, S.S. A consciência fonológica e o desempenho na escrita sob ditado de crianças com desvio fonológico após realização de terapia fonoaudiológica. **Revista CEFAC**, v.9, n.4, p. 477-482, out-dez, 2007.

OGLIARI, M. M. **As Relações entre Desvios Fonológicos e Produção escrita**. 1991. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

PAULA, G. R.; Mota, H.B.; Keske-Soares, M. A Terapia em Consciência Fonológica no Processo de Alfabetização. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica** v. 17, n. 2, p. 175-184, ago. 2005.

PAPP, A. C.C.S. WERTZNER, H. O aspecto familiar e o transtorno fonológico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v.18, n.2, p. 151 –160. maio-ago. 2006.

PESTUN, M.S.V. Consciência fonológica no início da escolarização e o desempenho ulterior em leitura e escrita: estudo correlacional. **Estudos de psicologia**. V. 10, n.3, p. 407-412. 2005.

QUEIROGA, B.; BORBA, D.; VOGLEY, A. Habilidades metalingüísticas e a apropriação do sistema ortográfico. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 9, n. 2, p. 73-80, 2004.

REGO, L.L.B.; BUARQUE, L.L. Consciência sintática, consciência fonológica e aquisição de regras ortográficas. **Psicol Reflex Crit.** 10 (2), 199-217. 1997.

ROMERO, M. V. **Desenvolvimento das Habilidades em Consciência Fonológica e Relação com Leitura e Compreensão Leitora**. 168 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

RVACHEWS, S; CHIANG, P; EVANS, N. Characteristics of speech errors produced by children with and without delayed phonological awareness skills. **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, v. 38, p. 60-71, Jan - 2007.

RVACHEWS, S; GRAWBURG, M. Correlates of phonological in preschoolers with speech sound disorders. **Journal of Speech, Language, and Research**, v.49, p. 74-87, February- 2006.

SACALOSKI, M.; ALAVARSI, E.; GUERRA, G. **Fonoaudiologia na Escola**. São Paulo: Lovise, 2000. cap. 4, p. 47-65.

SALLES, J. F. **Desenvolvimento da consciência fonológica de crianças de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental de uma escola estadual**. 1999. Monografia (Especialização em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

SALGADO, C.; CAPELLINI, S. A. Desempenho e escrita de escolares com transtorno fonológico. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 8, n. 2, p. 179-188. 2004.

SANTAMARIA, V.L.; LEITÃO, PB.; ASSENCIO-FERREIRA, V.J. A consciência fonológica no processo de alfabetização. **Revista CEFAC**. V. 6, n. 3, p. 237-241, set. 2004.

SANTOS, M.; NAVAS, A. **Distúrbios de Leitura e Escrita. Teoria e Prática**. São Paulo: Manole, 2002.

SANTOS, M. T. M.; NAVAS, A. G. P. Linguagem escrita: aquisição e desenvolvimento. In: AVILA, C. R. Consciência Fonológica. In: FERREIRA, L.; BEFI-LOPES, D.; LIMONGI, S. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. cap. 65, p. 825-845.

SANTOS, R.M. Reicidência de desvios fonológicos na escrita de crianças. In: MARCHESAN, I; ZORZI, J; GOMES, I. **Tópicos em Fonoaudiologia**. São Paulo: Lovise, 1998.

SILVA, A. P. **Habilidades em Consciência Fonológica nos Diferentes Graus de severidade dos Desvios fonológicos Evolutivos**. 2005. 56 f. Monografia (Especialização em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

SOUZA, L. B. Consciência fonológica em um grupo de escolares da 1ª série do 1º grau em Natal – RN. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 10, n 2, p. 12-17, março. 2005.

SPÍNDOLA, R. A.; PAYÃO L. M.; BANDINI, M. H. H. Abordagem fonoaudiológica em desvios fonológicos fundamentada na hierarquia dos traços distintivos e na consciência fonológica. **Revista CEFAC**, v. 9, n. 2, p. 180-189, abr -jun. 2007.

STACKHOUSE, J. Phonological awareness: connecting speech and Literacy problems. 1997. In: HODSON, B. W.; EDWARDS, M. L. **Perspectives in Applied Phonology**. Gaithsburg: Aspen, 1997. chap. 7, p. 157-196.

STACKHOUSE, J.; WELLS, B. Psycholinguistic assessment of children with speech and literacy difficulties. London: Whurr. 2004.

STAHL, S. A.; MURRAY, B. A. Defining Phonological Awareness and its Relationship to Early Reading. **Journal of Educational Psychology**, 1994.

STAMPE, D. **A Dissertation on Natural Phonology**. 1973. 76 f. Tese (Doutorado) – University of Chicago. Chicago, 1973.

SULZBY, E. Roles of oral and Written language as children approach conventional literacy. 1996. In: PONTECORVO, C. **Children's early text constrution**. New jersey: Lawrence Erlbaum, 1996.

SUTHERLAND, D; GILLON G.T. Assesment of phonological representations in children with speech impairment. **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, v.36, p. 294-307, October, 2005.

VIEIRA, M. Consciência Fonológica: Desempenho em Crianças com e sem Desvios Fonológicos Evolutivos. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 14, n.2, p. 153-164. 2002.

VIEIRA, M. **Memória de Trabalho e Consciência fonológica no Desvio fonológico**. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

WERTZNER, H; OLIVEIRA, M. Semelhanças entre os Sujeitos com Distúrbio Fonológico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v.14, n.2, p. 143 -152, maio-ago. 2002.

YAVAS, M. **Desvios Fonológicos em crianças**. Teoria, pesquisa e Tratamento. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 5-10.

ZORZI, J.L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita**. Questões clinicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZORZI, J. L. Desvios na Ortografia. In: FERREIRA, L.; BEFI-LOPES, D.; LIMONGI, S. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. cap. 68, p. 878 -891.

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO HUMANA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria das Graças de Campos Melo Filha, fonoaudióloga, venho através deste documento pedir o consentimento para que seu filho (a) participe da pesquisa sobre a Relação entre o Desvio Fonológico e o Desenvolvimento Posterior da linguagem que será realizada para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS: Os desvios fonológicos são alterações no desenvolvimento fonológico de crianças, sem que estas apresentem etiologia orgânica aparente, afetando o nível fonológico da organização lingüística. Estas alterações podem trazer conseqüências negativas para a aprendizagem, além de serem consideradas como fatores preditivos de posteriores dificuldades no desenvolvimento das capacidades lingüísticas. O objetivo desta pesquisa é investigar as habilidades de linguagem oral e escrita de crianças e adolescentes com histórico anterior de desvio fonológico que receberam alta do atendimento fonoaudiológico da Universidade Federal de Santa Maria.

PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS: Inicialmente será realizada uma entrevista que inclui perguntas sobre o desenvolvimento da linguagem da criança (ou adolescente) e se a mesma apresenta dificuldades escolares. Após, serão realizadas as avaliações de fala, da linguagem compreensiva e expressiva e também da escrita. Será solicitado ao indivíduo que leia um texto e explique o que entendeu sobre o assunto, que conte uma história, que escreva um texto pequeno e também escreva palavras solicitadas pela pesquisadora. Caso seja necessário serão realizados exames complementares com o Otorrinolaringologista e com o neurologista que prestam atendimento junto ao SAF (Serviço de Atendimento Fonoaudiológico da Universidade

Federal de Santa Maria). Neste caso, os pais serão informados antes da realização destes exames.

RISCOS OU DESCONFORTOS POTENCIAIS: Neste tipo de pesquisa, não estão previstos riscos nem desconforto de nenhuma natureza aos participantes. Salientamos que nenhum dos testes causa qualquer tipo de mal-estar, ou dor.

BENEFÍCIOS ESPERADOS: Os pais ou responsáveis por indivíduos da amostra que apresentarem algum tipo de alteração em alguma das avaliações realizadas serão comunicados e esclarecidos, bem como, encaminhados a profissionais competentes, se esse for o caso.

Os participantes da pesquisa tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem sofrer qualquer penalização ou prejuízo.

Será garantido ao participante o direito de sigilo sobre seus dados pessoais e /ou confidenciais, assegurando a sua privacidade.

Eu, _____, abaixo assinado, autorizo meu filho (a)-
_____ a participar desta pesquisa, estando devidamente esclarecido e informado dos objetivos da mesma.

Assinatura do pai, mãe ou responsável.

RG:

Data: _____ de _____ 2006.

Telefones para contato:

Professora Orientadora da pesquisa Dr^a Helena Bolli Mota - 55 9971 3321

Aluna pesquisadora Maria das Graças de C. Melo F^a - 51 9697 0780

ANEXO II – PROTOCOLOS DE AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM

Protocolo de avaliação da linguagem utilizado para 3ª e 4ª séries

I. Leitura para compreensão

TOC – TOC

Era uma noite clara e alegre naquela cidade desconhecida. Cláudia, Helena e Thais, cansadas da viagem, ficaram no hotel dispostas a dormir cedo para aproveitar o dia seguinte.

-Eu vou sozinha para o meu quarto, disse Cláudia. É na casa ao lado. Não se preocupem.

Cláudia atravessou o jardim, e entrou na casa ao lado. Viu que no degrau da escada, havia um bastão de madeira e um homem sentado. Não deu importância e foi para o seu quarto.

Já deitada, Cláudia ouve os passos e... "toc", mais passos e ... "toc". Cláudia lembrou-se do bastão e, imaginando que o homem o tivesse apanhado para entrar no seu quarto, correu para a janela, assustada, pensando em fugir.

Qual não foi a surpresa quando abriu a janela e viu um macaco brincando com o bastão.

Responda as questões:

1. Dê outro nome para a estória.
2. Por que as amigas resolveram descansar ?
3. O que aconteceu com Cláudia nesta noite ?
4. Onde estavam as amigas de Cláudia ?

5. Numere os fatos na ordem em que eles aconteceram:
()As moças não conheciam a cidade.
()As amigas não quiseram ir passear.
()Um animal pregou um susto.
()Cláudia não dormia com as amigas.
()Ela ouviu um barulho estranho.

II. Complementação de Sentenças

Preencha os espaços em branco.

Exemplo: sapatos ficaram cheios _____ água.

Meus sapatos ficaram cheios de água.

1. _____ partiram _____ bagagem e voltaram _____ viagem _____ muitas malas.

2. _____ crianças fizeram muita bagunça _____ a mãe fazia _____ bolo.

3. Eu saí _____ comprar sapatos _____ não achei nenhum bonito.

4. _____ chegamos na escola, o professor perguntou: _____ rasgou o caderno ?

5. Eu gostaria de ir ao passeio _____ meu amigo fosse.

6. Fomos _____ parque _____ diversões _____ não andamos na roda gigante _____ estava quebrada.

7. Eu gosto _____ ver televisão _____ de ouvir música.

8. Ontem eu fui _____ as crianças brincar _____ pracinha _____ como choveu voltamos depressa.

9. Eu _____ tinha visto o filme _____ passou ontem na televisão.

10. Eu _____ meu irmão ficamos _____ - ponto _____ ônibus.

III. Forme sentenças com as palavras abaixo

Exemplo: mão – puxar.

Eu machuquei a mão quando puxei a corda.

1. quebrar – hora – na
2. pintar – bonita – para
3. cavalo – forte – de
4. chá – água
5. lâmpada – claro

IV. Seqüencialização de parágrafos

Numere os parágrafos para colocar a estória na ordem certa.

() A uma hora da tarde, a mãe de Cristiano telefonou e o pequeno Bruno atendeu o telefone.

() Cristiano e Fernando eram dois bons amigos. Eles tinham seis anos e estavam na mesma escola.

() A mãe de Cristiano então falou:

- “Ah! É você Bruno ? Como vai ? Aqui é a mãe do Cristiano.”

- Tô bom”.

- “Por favor, fala para o Cristiano que eu vou buscá-lo daqui a pouco. E você, não quer vir aqui na minha casa ?

- Bruno olhou espantado para o telefone e depois respondeu:

- “Não dá tia. Eu não passo pelo fio do telefone!”

() Uma manhã Cristiano foi brincar na casa de Fernando que tinha um irmão pequeno, muito engraçado, chamado Bruno.

() Cristiano e Fernando brincaram muito naquela manhã e foram almoçar contentes por estarem juntos.

V Combinação de Sentenças

Leia as sentenças e forme apenas uma, não mudando o sentido. Você pode flexionar os verbos, colocar palavras novas para ligar as sentenças e tirar as palavras que você achar necessário.

Exemplos:

Ontem fui andar de bicicleta.

O chão estava molhado.

Caí e quebrei o pé.

- a) Ontem fui andar de bicicleta, mas o chão estava molhado e por isso caí e quebrei o pé.
- b) Ontem, quando andei de bicicleta no chão molhado, caí e quebrei o pé.
- c) Ontem caí e quebrei o pé porque fui andar de bicicleta no chão molhado.
- d) Quebrei o pé ontem ao cair da bicicleta, andando no chão molhado.

1. O estádio estava muito cheio.

Não conseguimos ver o jogo.

2. Tenho que estudar muito.

Preciso passar de ano.

Mamãe não me deixa viajar.

3. Ontem fui à cidade.

Não pude fazer compras na cidade.

Ontem choveu muito.

4. Meu pai foi pôr gasolina no carro.

Eu fui tomar uma laranjada.

Minha mãe foi comigo.

5. Nós estávamos na fazenda.

Nós sentamos em volta da fogueira tocando violão.

Mamãe estava fazendo quentão.

Protocolo de avaliação da linguagem utilizado na 5ª e 6ª séries

I Leitura para Compreensão

Sempre Alerta

Grande espírito, o daquele escoteiro. Estava na rua, segurando seu feroz cão policial, quando viu parar um ônibus. Os passageiros desceram, subiram, o ônibus pôs-se a andar. No momento em que o ônibus ia andando apareceu um velhinho tentando pegá-lo. Correu atrás do ônibus. Quando já o ia pegando o ônibus aumentou a velocidade. No instante exato em que o velhinho, aborrecido, ia desistir do ônibus, o escoteiro não teve dúvida: soltou o cachorro policial em cima dele. O velho pôs-se a correr desesperadamente e, como única salvação, pegou o ônibus que já ia quinhentos metros adiante. O escoteiro segurou de novo o cão e voltou para casa, feliz, tendo praticado sua boa ação do dia.

Responda as questões abaixo

1. Dê um outro nome para a estória e justifique -o.
2. O que o escoteiro pretendia soltando o cachorro ?
3. O que aconteceu com o velhinho ?
4. O escoteiro conseguiu o que queria ?
5. Numere os fatos na ordem em que eles aconteceram:
 O escoteiro agiu rapidamente.
 Um cachorro acompanhava seu dono.
 O motorista de ônibus ajudou um escoteiro a fazer a boa ação do dia.
 O velhinho se aborreceu.
 O motorista do ônibus foi desatento.

II Complementação de Sentenças

Exemplo: _____ sapatos ficaram cheios _____ água.

Meus sapatos ficaram cheios **de** água.

1. _____ fomos ao teatro e saímos _____ guarda-chuva. _____ o tempo estava ruim, _____ chegamos todos molhados.
2. _____ planador foi puxado _____ avião até chegar _____ altura em que podia voar sozinho levado _____ correntes _____ ar.
3. Gostaria de saber _____ entendeu aquele filme _____ tenho _____ fazer um resumo.
4. Os alunos _____ foram _____ escola naquele dia tiveram uma surpresa _____ passaram pela secretaria e souberam _____ não ia ter aula.
5. Quero saber _____ dinheiro que tenho que levar _____ a viagem e _____ o ônibus vai sair.
6. Eu quero saber _____ vai ser a festa e _____ pode me levar.
7. _____ você pode vir buscar _____ livro _____ minha casa ----- fazer o trabalho ?
8. Gostei muito _____ viagem _____ fizemos _____ nordeste _____ vimos coisas muito interessantes.
9. As florestas vão acabar logo _____ forem construídas muitas fábricas _____ volta delas.
10. O papai foi colocar gasolina _____ carro e _____ isso eu fui comer sanduíche _____ bar.

III Formação de Sentenças

Instrução: forme sentenças com as palavras abaixo.

Exemplo: mão – puxar.

Eu machuquei a mão quando puxei a corda.

1. Jangada – saltar – no

2. Verde – tocar – mas

3. melancia – menor – de

4. sucesso – ferradura

5. assustador – casa

IV seqüencialização de parágrafos

Numere os parágrafos na ordem que você achar correta.

Uma solução Pacífica

() Chega na aldeia ofegante e cansado e logo outros companheiros lhe comunicam que também viram gente esquisita pela redondeza.

() Todos correram para cortar bambu e depois formaram um bloco só. E, esfregando um bambu no outro, conseguiram muito barulho. O eco ressoou pela mata e os brancos ficaram com tanto medo que fugiram correndo.

() O que fazer ? São bichos brancos ? Vamos comê-los ? Mata-los ? E assim as perguntas continuavam até que o pajé, que não era um homem guerreiro, sugeriu espanta-los.

() _ como ? perguntaram uns. Não temos lanças, nunca fizemos guerra, diziam os outros.

_ não importa, vamos espanta-los com a arma que conhecemos, respondeu o pajé.

() Espantado e cheio de curiosidade, Peri junta os achados e leva tudo até a tribo, correndo velozmente pela floresta adentro.

() Há muitos anos, no centro da selva Amazônica, havia uma tribo que nunca tinha tido contato com a civilização. Nunca tinham visto um homem branco e, portanto, não conheciam nada de seus hábitos e costumes.

() Até que, um certo dia, Peri, que era um guerreiro audaz e corajoso, entre uma caçada e outra, encontra vestígios de objetos estranhos como canecas, garfos, sapatos e outras coisas mais.

V Combinação de Sentenças

Leia as sentenças e forme apenas uma, não mudando o sentido. Você pode flexionar os verbos, colocar palavras novas para ligar as sentenças e tirar as palavras que você achar necessário.

1. Ricardo é bom nadador.

Ricardo perdeu na última competição do clube.

2. Ontém foi meu aniversário.

Eu adoro autorama.

Ganhei o presente dos meus sonhos.

3. A orquídea é uma flor bonita e delicada.

A orquídea precisa de muito cuidado.

A orquídea é uma flor cara.

4. Ontem mamãe tirou os quadros da parede para limpá-los.

Os quadros foram bem pendurados.

Um quadro caiu e quebrou.

5. Eu acho todos os doces brasileiros deliciosos.

Eu gosto de doces de frutas.

Os doces típicos brasileiros são feitos de frutas.

Protocolo de avaliação da linguagem utilizado para 7ª e 8ª séries

I Leitura para compreensão

O Truque

Fábio entrou na loja de brinquedos muito bravo, com um andar firme e seguro. Dirigiu-se ao primeiro vendedor que encontrou e disse:

_ Olha, estou habituado a ser muito bem servido em todos os lugares que costumo comprar. Sempre comprei brinquedos para meus filhos nesta loja, porque tem coisas originais, de boa qualidade e não muito caras. Mas, essa de vocês me venderem um super-homem sem cabeça, eu não agüento. É demais! Onde já se viu ? Dei o super-homem de presente de aniversário para meu filho, ele todo entusiasmado abriu a caixa e, quando foi ver, estava sem cabeça.

O vendedor, assustado, nem tentou justificar a loja argumentando que os brinquedos vêm em caixas fechadas, e portanto, ela não seria responsável. Sem pensar muito, já ia buscar outro boneco quando entrou um menininho agitado e descabelado. Pendurando-se no braço do pai gritava:

_ Papai, o truque funcionou ? !

Responda as questões abaixo:

1. Dê um outro nome para a história e justifique-o.
2. A loja atendia bem seus clientes ?
3. Qual era a intenção de Fábio ?
4. Fábio conseguiu o que queria, por quê ?

5. Numere os fatos na ordem em que eles aconteceram

- (.) A inocência estragou um plano.
- () O vendedor não conseguiu se justificar.
- () O pai “ofendido” procurou a loja.
- () O Super-homem estava sem cabeça.
- () O pai passou uma descompostura no vendedor.

II Complementação de Sentenças

Preencha os espaços em branco

Ex: Meus sapatos ficaram cheios de água.

1. _____ gostaríamos de ver aquele filme _____ ele saiu de cartaz _____ estudávamos _____ os exames.
2. ontem estava passeando _____ calçada _____ percebi _____ estava sendo seguido _____ meu cachorro.
3. É muito difícil perceber _____ começam os incêndios _____ florestas.
4. _____ você me perguntou _____ eu me espantei _____ achei que estava com você.
5. _____ eu fosse um astronauta vestiria roupa especial _____ fosse necessário.
6. _____ você faria _____ começasse a chover e você estivesse _____ guarda-chuva ?
7. É sempre importante saber _____ é o responsável _____ direção _____ uma escola.

8. No treino de basquete torci meu pé e _____ não vou poder participar _____ competição.

9. _____ documento não _____ pode dirigir.

10. _____ faz frio _____ faz calor.

III Formação de sentenças

Forme sentenças com as palavras abaixo.

Os verbos podem ser flexionados.

Exemplo: mão – puxar.

Eu machuquei a mão quando puxei a corda.

1. Navio – chover – enquanto
2. Protestar – se – forte
3. livro – extraordinário – porém
4. silêncio – gelo
5. fumaça – mínimo

IV Sequencialização de parágrafos

Numere os parágrafos na ordem que você achar correta.

() O pobre homem entre espantado e irriado reclamou:

_ seu doutor, meu quarto já é tão pequeno, eu não estou mais agüentando e o senhor quer que eu more com uma cabra ?

() _Mas, Seu doutor, agora que eu gastei dinheiro pra comprar a cabra o senhor manda que eu me desfaça dela ?

_disse o homem.

_você me pediu um conselho e eu o dei. Volte daqui a um mês – repetiu o doutor.

Novamente, após um mês, o homem voltou. Mas veio feliz, sorrindo como há muito tempo não fazia.

() O doutor ouviu sério e atento e lhe sugeriu então, que comprasse uma cabra que deveria passar a morar e dormir no mesmo quarto. E, pediu ao homem que voltasse após um mês para lhe informar o resultado.

() Havia um homem muito pobre que morava em um quarto com a mulher e nove filhos. A vida dele era um inferno, a mulher se lamentava, as crianças gritavam, o cachorro era uma visita constante que freqüentemente dormia na sua cama, o gato miava pelos cantos do quarto e havia ainda muito mais. Ele não sabia mais o que fazer para ter um pouco de sossego e paz.

() _ Como vai, estou vendo que está muito satisfeito, parece então que desta vez o meu conselho foi útil – disse o doutor Bernardo.

_Ah! Seu doutor, nunca me senti tão feliz, tão sossegado como agora. Minha vida é um paraíso.

() passados trinta dias o homem voltou, mais desesperado do que da primeira vez.

Dr. Bernardo, então recomendou:

_Tire a cabra de casa, dê para alguém. Volte para casa, vá em paz e volte daqui a um mês.

() Um dia, resolvido, decidiu procurar alguém para contar sua situação trágico-cômica e, talvez, receber uma ajuda, uma orientação para sua vida tão difícil.

Foi então que procurou o Dr. Bernardo, um homem considerado como o mais ilustrado e inteligente da cidade.

V Combinação de sentenças

Instrução: leia as sentenças e forme apenas uma, não mudando o sentido. Você pode flexionar os verbos, colocar palavras novas para ligar as sentenças e tirar as palavras que você achar necessário.

Gostaria de fotografar o fundo do mar.

No fundo do mar a vegetação é rica.

O cavalo disparou pelo pasto.

O raio caiu na árvore.

A árvore pegou fogo.

Os supermercados pequenos são tranquilos.

É difícil fazer compras em supermercados grandes.

Os supermercados grandes estão sempre lotados.

Os índios têm hábitos interessantes.

Atualmente, não há interesse na preservação da cultura indígena.

A cultura indígena pode desaparecer.

Fui a uma exposição em uma galeria de arte.

As obras de arte são muito caras.

Eu comprei um bom quadro.

